



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
11º LEVANTAMENTO

AGOSTO 2021

**VOLUME 11
NÚMERO**

11

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Augusto Sanches Ribeiro

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor-Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

José Jesus Trabulo de Sousa Júnior

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Candice Mello Romero Santos

Gerência de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Maurício Ferreira Lopes

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL); Glenda Queiroz, Erica Ellen Alfaia Marialva e Maria da Paz Ferreira da Silva (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Matheus Carneiro de Souza, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Edson Yui, Getúlio Moreno, Lucílio de Mattos Linhares e Marcelo de Oliveira Calisto (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, JoãoTadeu de Lima (PB); Clarissa de Albuquerque Gomes, Babiton Leone de Oliveira Herculano, Herivelton Marculino da Silva, e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hélcio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales AugustoDuarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Janderson Maues do Nascimento e Karina de Melo (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Luciana Dall’Agnese, Marcio Renan Weber Schorr e Iure Rabassa Martins (RS); Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bonfim de Oliveira Santos Júnior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-ce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agroecuaría do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ); Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
11º LEVANTAMENTO

Copyright © 2021 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues, Juliana Pacheco de Almeida, Luiza Aires, Marília Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 8, safra 2020/21, n. 10 décimo primeiro levantamento, agosto. 2021.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
16	INTRODUÇÃO
18	ANÁLISE CLIMÁTICA
25	ANÁLISE DAS CULTURAS
25	ALGODÃO
34	ARROZ
39	FEIJÃO
54	MILHO
73	SOJA
81	TRIGO
90	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
104	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

O volume de produção de grãos no país é estimado, atualmente, em 254 milhões de toneladas, redução de 1,2%, ou seja, 3 milhões de toneladas sobre a safra 2019/20 e 6,8 milhões de toneladas inferior à estimativa do décimo levantamento realizado em julho deste ano.

Tal redução se deve às perdas observadas nas culturas de segunda safra, sobretudo no milho, justificada pelos danos causados pela seca prolongada nas principais regiões produtoras, aliadas às baixas temperaturas com eventos de geadas ocorridas nos estados da Região Centro-Sul do país. As áreas das culturas de primeira safra estão totalmente colhidas, as de segunda safra em fase de colheita e as de terceira safra, desde a fase de florescimento ao início da colheita.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA - EM 1.000 HA

Culturas de verão	Estimativa de área plantada			Safras 2019/20 e 2020/21			
	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão	1.665,6	1.367,0	1.365,5	(0,1)	(18,0)	(1,5)	(300,1)
Amendoim total	160,5	165,6	165,6	-	3,2	-	5,1
Amendoim 1ª safra	153,3	159,8	159,8	-	4,2	-	6,5
Amendoim 2ª safra	7,2	5,8	5,8	-	(19,4)	-	(1,4)
Arroz	1.665,8	1.682,1	1.676,5	(0,3)	0,6	(5,6)	10,7
Arroz sequeiro	366,9	378,8	373,1	(1,5)	1,7	(5,7)	6,2
Arroz irrigado	1.298,9	1.303,3	1.303,4	-	0,3	0,1	4,5
Feijão total	2.926,7	2.938,7	2.939,7	-	0,4	1,0	13,0
Feijão total cores	1.280,3	1.215,5	1.213,0	(0,2)	(5,3)	(2,5)	(67,3)
Feijão total preto	338,6	371,1	371,1	-	9,6	-	32,5
Feijão total caupi	1.307,8	1.352,1	1.355,6	0,3	3,7	3,5	47,8
Feijão 1ª safra	914,5	909,2	909,2	-	(0,6)	-	(5,3)
Cores	365,9	367,1	367,1	-	0,3	-	1,2
Preto	162,4	162,4	162,4	-	-	-	-
Caupi	386,2	379,7	379,7	-	(1,7)	-	(6,5)
Feijão 2ª safra	1.423,0	1.459,6	1.459,5	-	2,6	(0,1)	36,5
Cores	402,8	358,1	354,5	(1,0)	(12,0)	(3,6)	(48,3)
Preto	159,6	192,1	192,1	-	20,4	-	32,5
Caupi	860,6	909,4	912,9	0,4	6,1	3,5	52,3
Feijão 3ª safra	588,8	569,9	571,0	0,2	(3,0)	1,1	(17,8)
Cores	507,9	490,3	491,4	0,2	(3,2)	1,1	(16,5)
Preto	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
Caupi	64,3	63,0	63,0	-	(2,0)	-	(1,3)
Gergelim	175,0	161,1	143,5	(10,9)	(18,0)	(17,6)	(31,5)
Girassol	47,1	34,4	31,7	(7,8)	(32,7)	(2,7)	(15,4)
Mamona	45,5	47,0	47,0	-	3,3	-	1,5
Milho total	18.527,3	19.832,6	19.823,9	-	7,0	(8,7)	1.296,6
Milho 1ª safra	4.235,8	4.374,7	4.370,5	(0,1)	3,2	(4,2)	134,7
Milho 2ª safra	13.755,9	14.876,8	14.872,3	-	8,1	(4,5)	1.116,4
Milho 3ª safra	535,6	581,1	581,1	-	8,5	-	45,5
Soja	36.949,7	38.507,6	38.529,0	0,1	4,3	21,4	1.579,3
Sorgo	835,4	865,7	864,5	(0,1)	3,5	(1,2)	29,2
Subtotal	62.998,2	65.601,8	65.586,9	-	4,1	(14,9)	2.588,8
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	425,7	408,7	414,6	1,4	(2,6)	5,9	(11,1)
Canola	35,3	39,0	39,1	0,3	10,8	0,1	3,8
Centeio	4,7	3,7	4,3	16,2	(8,5)	0,6	(0,4)
Cevada	103,4	105,6	111,3	5,4	7,6	5,7	7,9
Trigo	2.341,5	2.629,6	2.696,1	2,5	15,1	66,5	354,6
Triticale	15,6	15,5	17,4	12,3	11,5	1,9	1,8
Subtotal	2.926,2	3.202,1	3.282,8	2,5	12,2	80,7	356,6
Brasil	65.924,4	68.803,9	68.869,7	0,1	4,5	65,8	2.945,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2021.

TABELA 2 - ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - EM KG/HA

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
		(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)
Algodão - caroço (1)	2.625	2.498	2.499	-	(4,8)	1,1	(125,5)
Algodão em pluma	1.802	1.713	1.714	-	(4,9)	0,6	(88,0)
Amendoim total	3.474	3.603	3.608	0,1	3,8	4,5	133,6
Amendoim 1ª safra	3.554	3.679	3.683	0,1	3,6	4,6	128,9
Amendoim 2ª safra	1.771	1.534	1.534	-	(13,4)	-	(237,2)
Arroz	6.713	6.994	7.003	0,1	4,3	9,0	290,0
Arroz sequeiro	2.468	2.480	2.467	(0,5)	-	(13,0)	(1,0)
Arroz irrigado	7.913	8.307	8.302	(0,1)	4,9	(4,6)	389,3
Feijão total	1.104	1.024	1.000	(2,4)	(9,4)	(24,1)	(103,5)
Feijão total cores	1.568	1.483	1.467	(1,1)	(6,5)	(16,1)	(101,3)
Feijão total preto	1.504	1.310	1.305	(0,4)	(13,3)	(5,4)	(199,5)
Feijão total caupi	545	533	499	(6,4)	(8,4)	(34,2)	(45,9)
Feijão 1ª safra	1.209	1.113	1.113	-	(7,9)	-	(95,8)
Cores	1.664	1.657	1.657	-	(0,4)	-	(6,4)
Preto	1.927	1.529	1.529	-	(20,6)	-	(397,9)
Caupi	475	408	408	-	(14,1)	-	(67,0)
Feijão 2ª safra	875	824	790	(4,2)	(9,7)	(34,4)	(84,7)
Cores	1.398	1.249	1.248	(0,1)	(10,7)	(0,8)	(149,6)
Preto	1.155	1.176	1.165	(0,9)	0,9	(10,4)	10,1
Caupi	573	583	533	(8,6)	(7,0)	(49,9)	(40,0)
Feijão 3ª safra	1.481	1.395	1.358	(2,6)	(8,3)	(36,8)	(123,4)
Cores	1.636	1.523	1.482	(2,7)	(9,4)	(41,0)	(153,6)
Preto	725	725	725	-	-	(0,0)	(0,1)
Caupi	590	570	553	(2,8)	(6,2)	(16,2)	(36,5)
Gergelim	547	689	509	(26,2)	(7,0)	(180,6)	(38,4)
Girassol	1.590	1.513	1.331	(12,0)	(16,3)	(182,1)	(259,1)
Mamona	951	743	597	(19,6)	(37,2)	(146,0)	(353,3)
Milho total	5.537	4.580	4.371	(4,6)	(21,1)	(208,6)	(1.166,1)
Milho 1ª safra	6.065	5.694	5.697	0,1	(6,1)	2,9	(368,1)
Milho 2ª safra	5.456	4.330	4.056	(6,3)	(25,7)	(273,7)	(1.399,6)
Milho 3ª safra	3.305	2.589	2.461	(5,0)	(25,5)	(128,4)	(843,7)
Soja	3.379	3.529	3.529	-	4,5	(0,2)	150,5
Sorgo	2.991	2.846	2.684	(5,7)	(10,3)	(162,3)	(307,5)
Subtotal	3.960	3.783	3.717	(1,7)	(6,1)	(66,0)	(243,0)
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	1.987	2.515	2.493	(0,9)	25,5	(22,0)	506,0
Canola	912	1.567	1.568	0,1	71,9	1,0	656,0
Centeio	2.213	2.568	2.488	(3,1)	12,4	(80,0)	275,0
Cevada	3.621	4.016	4.041	0,6	11,6	25,0	420,0
Trigo	2.663	3.225	3.187	(1,2)	19,7	(38,0)	524,0
Triticale	2.628	3.090	3.098	0,3	17,9	8,0	470,0
Subtotal	2.576	3.139	3.107	(1,0)	20,6	(32,0)	531,0
Brasil (2)	3.899	3.753	3.688	(1,7)	(5,4)	(65,3)	-210,7

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2021.

TABELA 3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21				
	Produto	Safras		Variação				
		19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
		(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	4.371,3	3.414,6	3.412,6	(0,1)	(21,9)	(2,0)	(958,7)	
Algodão em pluma	3.001,6	2.342,4	2.340,6	(0,1)	(22,0)	(1,8)	(661,0)	
Amendoim total	557,5	596,7	597,5	0,1	7,2	0,8	40,0	
Amendoim 1ª safra	544,8	587,8	588,6	0,1	8,0	0,8	43,8	
Amendoim 2ª safra	12,7	8,9	8,9	-	(29,9)	-	(3,8)	
Arroz	11.183,4	11.765,6	11.741,4	(0,2)	5,0	(24,2)	558,0	
Arroz sequeiro	905,5	939,5	920,4	(2,0)	1,6	(19,1)	14,9	
Arroz irrigado	10.277,9	10.826,1	10.821,0	-	5,3	(5,1)	543,1	
Feijão total	3.222,1	3.009,6	2.940,0	(2,3)	(8,8)	(69,6)	(282,1)	
Feijão total cores	2.008,0	1.802,5	1.779,5	(1,3)	(11,4)	(23,0)	(228,5)	
Feijão total preto	509,5	486,3	484,2	(0,4)	(5,0)	(2,1)	(25,3)	
Feijão total caupi	714,9	720,9	676,4	(6,2)	(5,4)	(44,5)	(38,5)	
Feijão 1ª safra	1.105,6	1.011,7	1.011,7	-	(8,5)	-	(93,9)	
Cores	609,0	608,4	608,4	-	(0,1)	-	(0,6)	
Preto	313,0	248,3	248,3	-	(20,7)	-	(64,7)	
Caupi	183,6	155,1	155,1	-	(15,5)	-	(28,5)	
Feijão 2ª safra	1.244,7	1.203,1	1.152,9	(4,2)	(7,4)	(50,2)	(91,8)	
Cores	566,8	447,3	442,7	(1,0)	(21,9)	(4,6)	(124,1)	
Preto	184,5	226,0	223,9	(0,9)	21,4	(2,1)	39,4	
Caupi	493,4	529,9	486,4	(8,2)	(1,4)	(43,5)	(7,0)	
Feijão 3ª safra	872,1	794,7	775,3	(2,4)	(11,1)	(19,4)	(96,8)	
Cores	822,1	746,8	728,4	(2,5)	(11,4)	(18,4)	(93,7)	
Preto	12,0	12,0	12,0	-	-	-	-	
Caupi	37,9	35,9	34,9	(2,8)	(7,9)	(1,0)	(3,0)	
Gergelim	95,8	111,1	73,0	(34,3)	(23,8)	(38,1)	(22,8)	
Girassol	74,9	52,1	42,2	(19,0)	(43,7)	(9,9)	(32,7)	
Mamona	43,3	34,9	28,1	(19,5)	(35,1)	(6,8)	(15,2)	
Milho total	102.586,4	93.384,6	86.650,1	(7,2)	(15,5)	(6.734,5)	(15.936,3)	
Milho 1ª safra	25.689,6	24.909,2	24.898,2	-	(3,1)	(11,0)	(791,4)	
Milho 2ª safra	75.053,2	66.970,5	60.322,0	(9,9)	(19,6)	(6.648,5)	(14.731,2)	
Milho 3ª safra	1.843,6	1.504,7	1.430,1	(5,0)	(22,4)	(74,6)	(413,5)	
Soja	124.844,8	135.911,7	135.978,3	-	8,9	66,6	11.133,5	
Sorgo	2.498,1	2.463,7	2.320,1	(5,8)	(7,1)	(143,6)	(178,0)	
Subtotal	249.477,6	250.744,6	243.783,3	(2,8)	(2,3)	(6.961,3)	(5.694,3)	
Culturas de inverno	Safras			Variação				
	2020	2021		Percentual		Absoluta		
	(a)	Jun/2021 (b)	Jul/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)	
Aveia	845,7	1.027,7	1.033,7	0,6	22,2	6,0	188,0	
Canola	32,2	61,1	61,3	0,3	90,4	0,2	29,1	
Centeio	10,4	9,5	10,7	12,6	2,9	1,2	0,3	
Cevada	374,4	424,1	449,8	6,1	20,1	25,7	75,4	
Trigo	6.234,6	8.480,2	8.591,3	1,3	37,8	111,1	2.356,7	
Triticale	41,0	47,9	53,9	12,5	31,5	6,0	12,9	
Subtotal	7.538,3	10.050,5	10.200,7	1,5	35,3	150,2	2.662,4	
Brasil (2)	257.015,9	260.795,1	253.984,0	(2,6)	(1,2)	(6.811,1)	(3.031,9)	

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2021.

TABELA 4 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF – PRODUTOS SELECIONADOS

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2019/20 e 2020/21		
Região/uf	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.293,2	3.605,0	9,5	3.537	3.370	(4,7)	11.649,6	12.150,4	4,3
RR	76,6	98,8	29,0	4.103	3.969	(3,3)	314,3	392,1	24,8
RO	602,5	657,1	9,1	3.992	3.955	(0,9)	2.405,3	2.598,9	8,0
AC	47,5	48,0	1,1	2.147	2.431	13,2	102,0	116,7	14,4
AM	18,7	21,7	16,0	2.230	2.318	3,9	41,7	50,3	20,6
AP	24,4	8,5	(65,2)	2.574	1.847	(28,2)	62,8	15,7	(75,0)
PA	963,4	1.143,1	18,7	2.979	2.977	(0,1)	2.870,1	3.403,3	18,6
TO	1.560,1	1.627,8	4,3	3.752	3.424	(8,7)	5.853,4	5.573,4	(4,8)
NORDESTE	8.187,7	8.492,2	3,7	2.823	2.769	(1,9)	23.109,9	23.518,3	1,8
MA	1.605,1	1.656,2	3,2	3.489	3.574	2,4	5.600,2	5.919,0	5,7
PI	1.535,2	1.629,0	6,1	3.282	3.219	(1,9)	5.038,5	5.243,0	4,1
CE	913,1	942,0	3,2	875	719	(17,8)	798,7	677,5	(15,2)
RN	118,3	98,0	(17,2)	538	510	(5,1)	63,6	50,0	(21,4)
PB	212,9	212,4	(0,2)	649	516	(20,4)	138,1	109,7	(20,6)
PE	465,2	464,6	(0,1)	676	536	(20,7)	314,4	249,1	(20,8)
AL	78,2	84,3	7,8	1.331	1.464	10,0	104,1	123,4	18,5
SE	162,5	172,2	6,0	5.843	4.178	(28,5)	949,5	719,5	(24,2)
BA	3.097,2	3.233,5	4,4	3.261	3.225	(1,1)	10.102,8	10.427,1	3,2
CENTRO-OESTE	28.480,6	29.480,2	3,5	4.349	3.934	(9,6)	123.866,9	115.962,6	(6,4)
MT	17.212,4	17.698,7	2,8	4.351	4.110	(5,5)	74.898,9	72.742,3	(2,9)
MS	5.029,5	5.430,5	8,0	4.085	3.374	(17,4)	20.548,0	18.322,9	(10,8)
GO	6.074,3	6.184,6	1,8	4.535	3.904	(13,9)	27.547,2	24.145,3	(12,3)
DF	164,4	166,4	1,2	5.309	4.520	(14,9)	872,8	752,1	(13,8)
SUDESTE	5.855,0	6.260,2	6,9	4.214	3.741	(11,2)	24.671,6	23.422,0	(5,1)
MG	3.492,8	3.837,2	9,9	4.401	3.837	(12,8)	15.371,3	14.724,5	(4,2)
ES	26,0	21,9	(15,8)	1.823	1.986	9,0	47,4	43,5	(8,2)
RJ	2,7	2,2	(18,5)	2.000	2.227	11,4	5,4	4,9	(9,3)
SP	2.333,5	2.398,9	2,8	3.963	3.605	(9,0)	9.247,5	8.649,1	(6,5)
SUL	20.108,1	21.032,1	4,6	3.666	3.753	2,4	73.718,2	78.930,7	7,1
PR	9.807,2	10.284,6	4,9	4.166	3.367	(19,2)	40.854,0	34.627,1	(15,2)
SC	1.287,0	1.354,1	5,2	5.075	4.414	(13,0)	6.530,9	5.976,5	(8,5)
RS	9.013,9	9.393,4	4,2	2.921	4.080	39,7	26.333,3	38.327,1	45,5
NORTE/NORDESTE	11.480,9	12.097,2	5,4	3.028	2.948	(2,6)	34.759,5	35.668,7	2,6
CENTRO-SUL	54.443,7	56.772,5	4,3	4.082	3.845	(5,8)	222.256,7	218.315,3	(1,8)
BRASIL	65.924,6	68.869,7	4,5	3.899	3.688	(5,4)	257.016,2	253.984,0	(1,2)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2021.



INTRODUÇÃO

Seguindo o calendário de divulgações, a Conab apresenta o décimo primeiro levantamento da safra 2020/21 de grãos, com informações atualizadas das culturas de primeira, segunda e terceira safras e de inverno em relação à área plantada, à produtividade média e à produção. Além disso, discorre sobre o andamento das operações de plantio, crescimento, desenvolvimento e colheita dessas culturas, as condições climáticas encontradas nas regiões produtoras e de mercado.

As ações estabelecidas pela empresa, para o levantamento das safras, estão em conformidade com as medidas de biossegurança federais, estaduais e municipais de combate à pandemia do coronavírus, que destacam, entre outras medidas, a necessidade do isolamento como forma de atenuar os impactos na saúde dos empregados e dos colaboradores.

Essas medidas de combate à pandemia obrigaram a empresa a fazer adequações na sua rotina, procedendo a suspensão de algumas viagens, contatos presenciais, visitas às lavouras etc. e, em ato contínuo, instruiu as diversas dependências da empresa a intensificar o uso das ferramentas de tecnologia disponível e reforçar as parcerias, de maneira a não

comprometer a qualidade dos serviços prestados e preservar a saúde de todos.

Como parte do aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra, desde outubro de 2020, a Conab passou a divulgar, semanalmente, o progresso de safras das principais culturas, disponível neste site <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra>, mantendo-se como referência na produção de dados e informações para o agronegócio brasileiro. Nos arquivos de progresso de safra é possível acompanhar a evolução do plantio, colheita e a fenologia das lavouras.

O levantamento é fruto do trabalho realizado por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, localizadas em todas as Unidades da Federação.

Neste trabalho, além da pesquisa subjetiva, são utilizados métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, análises fitotécnicas e de mercado, bem como outras informações que complementam os métodos citados.



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE JULHO

Julho seguiu com pouca ou nenhuma precipitação em praticamente toda a área central do país e com chuvas concentradas no norte da Região Norte e na faixa leste do Nordeste. O mês também foi marcado por duas ondas de frio, na primeira e última semana, que causaram forte queda nas temperaturas, geadas e até mesmo neve.

Em relação à precipitação, a Região Norte vem acumulando grandes volumes na parte norte de seu território e chegou ao final do mês com totais na faixa entre 150 mm e 400 mm. Nas localidades mais ao sul – Rondônia, sul do Pará e Tocantins –, os totais ficaram entre 5 mm e 40 mm.

No Centro-Oeste, o clima segue dentro das características típicas do período seco e não houve precipitação na maioria das localidades. Apenas no sul do Mato Grosso do Sul foram observados volumes mais significativos, com totais entre 10 mm e 40 mm.

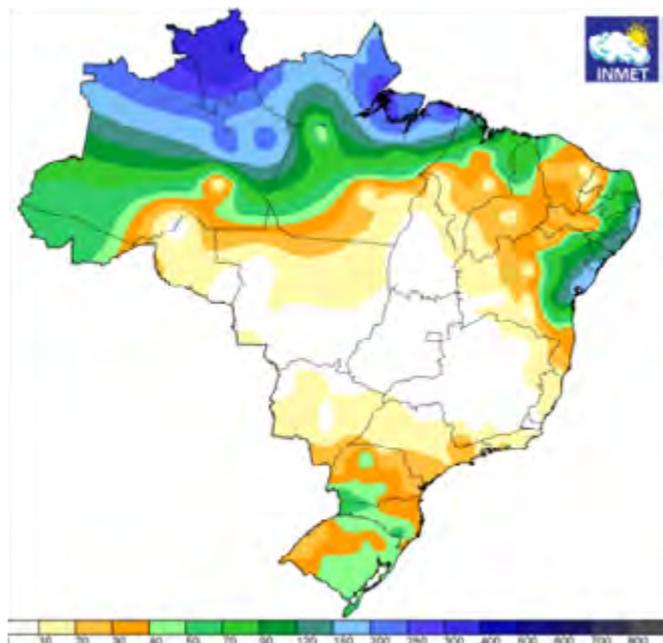
¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.

Do mesmo modo, no Sudeste também predominaram áreas com pouca ou nenhuma precipitação. Os maiores volumes foram no leste de São Paulo, Rio de Janeiro e extremo-sul de Minas Gerais, com totais também na faixa entre 10 mm e 40 mm.

Na Região Nordeste, o mês de junho teve seus maiores volumes na faixa leste, entre o sul da Bahia e o Rio Grande do Norte, com totais entre 90 mm e 250 mm, e no norte do Maranhão e Piauí, com totais acumulados entre 20 mm e 80 mm. Nas demais localidades da região, os volumes ficaram, predominantemente, abaixo dos 10 mm.

A precipitação na Região Sul foi bastante irregular durante todo o mês. De forma geral, os seus maiores volumes ocorreram no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, com totais entre 20 mm e 70 mm, ficando abaixo da média na maior parte desses estados. No Paraná, as chuvas foram ainda mais irregulares, o que resultou em acumulados inferiores aos outros estados da região, com totais entre 10 mm e 50 mm.

FIGURA 1 - MAPA DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM JULHO DE 2021



Fonte: Inmet.

As ondas de frio marcaram julho. Na última semana, a chegada de mais uma massa de ar frio causou a queda acentuada nas temperaturas no Centro-Sul do Brasil, com registro de temperaturas negativas em diversas localidades, inclusive na região Sudeste, como em Itatiaia-RJ, com mínima de $-2,4\text{ }^{\circ}\text{C}$, e em Monte Verde-MG, com $-1,4\text{ }^{\circ}\text{C}$, ambas no dia 29. Porém, as menores mínimas ocorreram na Região Sul, com destaque para as estações meteorológicas de Bom Jardim da Serra-SC, com $-8,6\text{ }^{\circ}\text{C}$, e São Joaquim-RS, com mínima de $-5,3\text{ }^{\circ}\text{C}$. As temperaturas baixas causaram geadas em vários estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, gerando danos ao setor agrícola. O mapa de possível ocorrência de geadas do Inmet mostra a abrangência das localidades possivelmente atingidas pelas geadas do Rio Grande do Sul ao centro-sul de Minas Gerais, tendo como base as temperaturas menores que $5\text{ }^{\circ}\text{C}$ medidas nas estações automáticas. Ao todo foram 93 estações meteorológicas automáticas com registro de temperatura nessa condição. Além das geadas, houve ocorrência de neve nas cidades serranas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

FIGURA 2 - MAPA DE POSSÍVEIS OCORRÊNCIA DE GEADAS ENTRE OS DIAS 21 E 30 DE JULHO/2021



Fonte: Inmet.

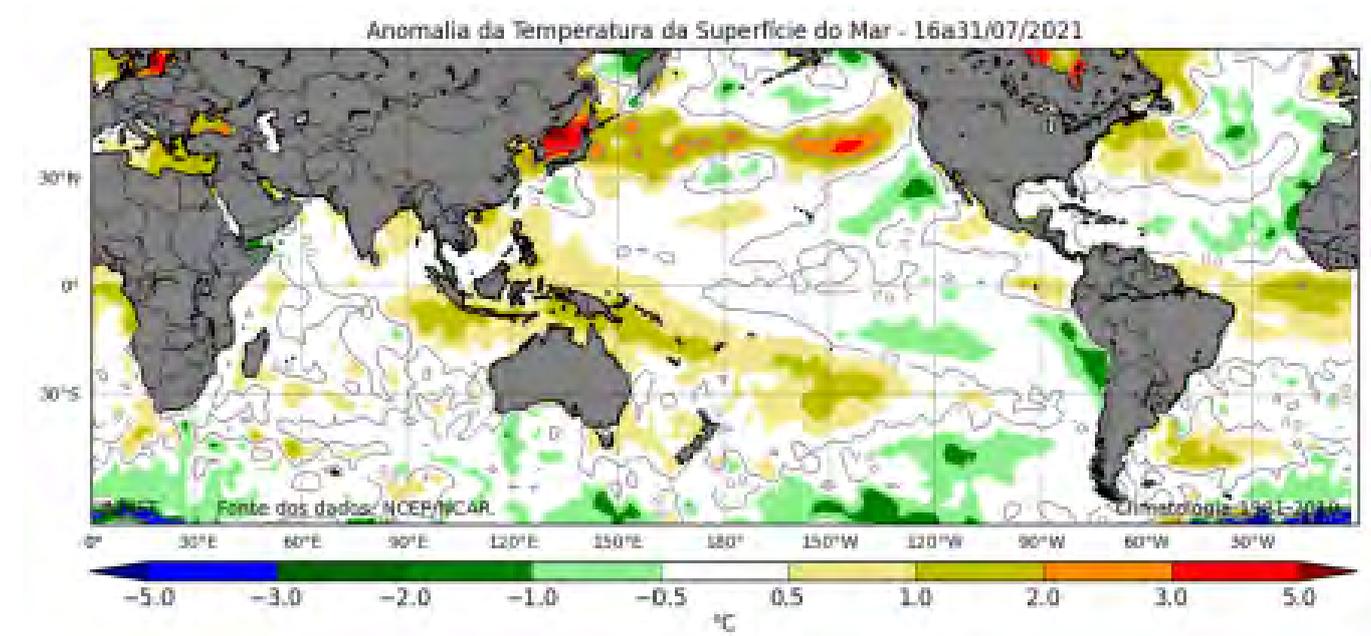
CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Em julho, o Oceano Pacífico Equatorial se manteve na sua fase neutra das anomalias de temperatura da superfície do mar (TSM), como observado no mapa de anomalias de TSM da segunda quinzena do mês.

Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial nas últimas semanas mostram uma grande oscilação, porém dentro da faixa de neutralidade, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W-120°W).

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre -0,5 °C e +0,5 °C.

FIGURA 3 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 16 A 31/7/2021



Fonte: Tropical Tidbits.

Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

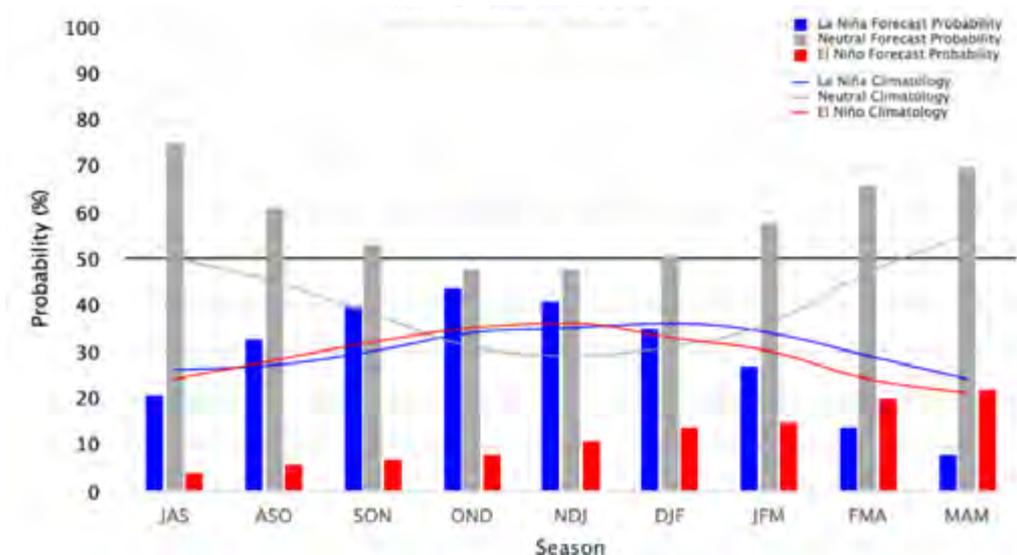
FIGURA 4 - GRÁFICO DE MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: Tropical Tidbits.
Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña apresenta probabilidade de 75% de continuidade da fase de neutralidade no trimestre julho, agosto e setembro de 2021. Segundo a previsão, a fase de neutralidade tem alta probabilidade de se manter até o final de 2021.

GRÁFICO 1 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI.
Disponível em: (<https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current>).

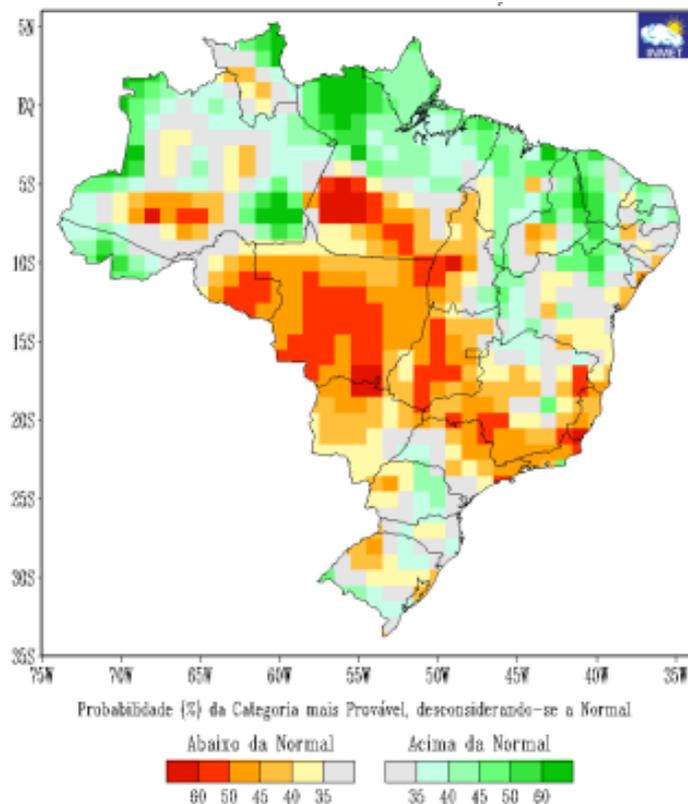
PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO AGOSTO-SETEMBRO-OUTUBRO/2021

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam probabilidade de que as chuvas sejam mal distribuídas, devendo ocorrer áreas com chuvas abaixo e acima da média na região. Há possibilidade de áreas com chuvas próximas ou acima da média no sul do Rio Grande do Sul. Em agosto, contudo, devem predominar áreas de chuvas abaixo ou dentro da faixa normal.

Para as Regiões Centro-Oeste e Sudeste, as previsões com probabilidades de chuvas abaixo da média predominam. Em agosto, os maiores volumes podem ocorrer no Rio de Janeiro, Espírito Santo e sul de São Paulo.

Nas Regiões Norte e Nordeste, há predomínio de áreas com probabilidade de chuvas na faixa normal ou acima, exceto em Tocantins e sul do Pará. Especificamente em agosto, os maiores volumes devem ocorrer no norte dessas regiões, entre Roraima e o Piauí, e também no leste da Região Nordeste, entre Salvador e Natal.

FIGURA 5 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE AGOSTO-SETEMBRO-OUTUBRO/2021



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>)

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.365,5 mil ha
-18%

PRODUTIVIDADE

1.714 kg/ha
-4,9%

PRODUÇÃO

2,3 milhões t
-22%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.764,9 mil t
PRODUÇÃO 2.340,6 mil t
IMPORTAÇÕES 1 mil t
4.106,5 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 715 mil t
EXPORTAÇÕES 2.100 mil t
2.815 mil t

O ritmo de colheita se intensificou no último mês, com muitas lavouras de primeira safra já concluindo suas operações. Porém, de maneira geral, o percentual colhido no país ainda se aproxima da metade da área total semeada. Observa-se, até o momento, rendimento médio abaixo daquele visualizado na temporada passada. Algo que, somado a redução de área plantada, gerará uma produção aquém da obtida em 2019/20, estando estimada atualmente em 5.753,2 mil toneladas de algodão em caroço ou 2.340,6 mil toneladas de algodão em pluma (decréscimo de 22% em

relação ao resultado alcançado na safra anterior que foi recorde para a cotonicultura brasileira).

OFERTA E DEMANDA

Em 2021, apenas janeiro e julho não apresentaram desempenho recorde nas exportações mensais. Foram exportadas 61,4 mil toneladas em julho, volume 20% inferior ao mesmo mês de 2020. A receita com as vendas externas em julho foram de US\$ 102 milhões. A queda no desempenho é causada pelo forte ritmo das vendas externas ao longo do ano e, ainda, não havia significativa quantidade de pluma beneficiada da safra 2020/21 para exportação.

A partir de agosto, o ritmo das exportações deverá a se intensificar, resultado da grande porcentagem da safra comercializada antecipadamente e do dólar valorizado. Contudo, com a menor produção, a expectativa é que nos meses finais da entressafra em 2022, o desempenho das exportações fique aquém em relação aos meses finais da entressafra deste ano de 2021. Apesar disso, as exportações deverão ultrapassar o volume de 2 milhões de toneladas no período comercial 2021/22, o que significa um bom resultado para o setor. A Conab estima para o ano de 2021 uma exportação de 2,1 milhões de toneladas de pluma, 1,2% abaixo do ano de 2020.

O maior volume exportado não causa desabastecimento no mercado doméstico. A média do consumo interno de pluma em relação à produção brasileira nos anos de 2016 a 2020 foi de 35%. Ao levar em conta apenas o ano de 2020, quando o Brasil produziu 3 milhões de toneladas, a indústria

nacional demandou apenas 20% do algodão produzido. Desse modo, o aumento das exportações não gera falta de insumos às indústrias têxteis do país. Todavia, com o dólar valorizado e a demanda externa aquecida com a retomada da economia mundial, com o avanço da vacinação, o comprador nacional vê os preços internos subirem e, muitas vezes, obrigado a pagar um prêmio positivo em relação aos preços da Bolsa de Nova Iorque para adquirir o insumo.

Neste levantamento, a expectativa é que o Brasil colha na safra 2020/21 um total de 2,34 milhões de toneladas de pluma, queda de 22% em relação à safra passada, volume praticamente igual ao estimado no levantamento anterior. Já em relação ao consumo interno, dado ao avanço da vacinação, ao menor isolamento e à retomada verificada da economia brasileira, projeta-se a demanda doméstica em 715 mil toneladas, volume 19% superior ao de 2020, ano atingido mais fortemente pelas restrições referentes à pandemia da covid-19.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2014/15	652,4	1.562,8	2,1	2.217,3	670,0	834,3	713,0	
2015/16	713,0	1.289,2	27,0	2.029,2	640,0	804,0	585,1	
2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,3	685,0	834,1	629,1	
2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.665,0	670,0	974,0	1.029,9	
2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7	
2019/20	1.487,7	3.001,6	1,0	4.490,3	600,0	2.125,4	1.764,9	
2020/21	Jul/21	1.764,9	2.342,4	1,0	4.108,3	715,0	2.006,0	1.387,3
	Ago/21	1.764,9	2.340,6	1,0	4.106,5	715,0	2.100,0	1.291,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2021.

Estoque de Passagem - Algodão: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Em Mato Grosso, principal estado produtor de algodão no país, a colheita segue avançando, chegando a cerca de um terço da área total (956,1 mil hectares) ao final de julho. As produtividades observadas, até o momento, estão abaixo da média alcançada em 2019/20, influenciadas pela escassez hídrica visualizada em parte do ciclo, principalmente no período em que certas lavouras se encontravam em fases críticas da fenologia, como florescimento e formação de maçãs.

Somada a essa estimativa de diminuição do rendimento médio (em relação à safra passada), tem-se a redução de área plantada, prevendo-se assim um resultado final 23,4% inferior ao obtido na temporada anterior, devendo alcançar 3.922,9 mil toneladas de algodão em caroço ou 1.608,4 mil toneladas de algodão em pluma.

Em Goiás, mais da metade da área destinada à cotonicultura nesta safra (cerca de 27,3 mil hectares) já está colhida. Houve avanço significativo das operações na última quinzena, mesmo com o registro de queda de temperatura e as incidências de geadas no sul do estado. No entanto, relatou-se perda de qualidade da fibra em decorrência dessas intempéries, além de danos pontuais sobre as maçãs das plantas, com surgimento de podridões, favorecidos pelo excesso de umidade.

De maneira geral, a estimativa é de rendimento médio próximo àquele visualizado na safra passada, porém com a diminuição na área plantada, o volume final colhido deve ser impactado, devendo ficar cerca de 23% abaixo do obtido em 2019/20, prevendo-se 117,4 mil toneladas de algodão em caroço ou 46,3 mil toneladas de algodão em pluma.

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras estão em fase de maturação e colheita. As condições climáticas oscilantes apresentadas nas últimas semanas têm impactado parte do potencial produtivo. A geada ao final de junho queimou as folhas e provocou retenção destas. Além disso, os períodos de estiagem visualizados ao longo do ciclo também influenciaram nessa perspectiva, trazendo consigo outra condição deletéria, que foi a maior incidência de ataque de ácaros.

Apesar desses contratempos, a qualidade do produto tem sido satisfatória, e a média da produtividade estimada, no momento, está próxima àquela obtida na temporada passada. No entanto, a redução na área plantada deve condicionar o resultado final, previsto atualmente em 109,6 mil toneladas de algodão em caroço

Na Bahia, as lavouras do extremo-oeste seguem em estágio de formação do capulho, abertura dos capulhos e colheita, visto que a colheita é estimada em 40% da área cultivada, com a expectativa de boas produtividades. O clima seco favorece as operações de sega e de destruição dos restos culturais, visando conter a propagação do bicudo do algodoeiro. A qualidade da fibra obtida, até o momento, é boa, atingindo níveis melhores que o de safras anteriores. Já no centro-sul do estado, observa-se perdas de rendimento em razão da escassez de chuvas que assolou a região em períodos importantes do ciclo. Há relatos de lavouras sem perspectiva de produção, pois as plantas atingiram ponto de murcha permanente e ficaram impossibilitadas de se recuperar em tempo. Acredita-se que a produtividade média possa melhorar à medida que se avança a colheita nas áreas irrigadas. Assim, a estimativa estadual geral é de produção na ordem de 1.258,9 mil toneladas de algodão em caroço ou 503,6 mil toneladas de algodão em pluma, representando decréscimo de

15,6% em comparação ao volume obtido em 2019/20, principalmente em decorrência da redução de área plantada neste ciclo.

Além da Bahia, outros estados como Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte também apresentam produção de algodão na Região Nordeste. A destinação de área é expressivamente menor nessas localidades, se comparadas à cotonicultura baiana, mas potencializam a produção regional. De modo geral, houve redução nas áreas plantadas nesses estados (exceção feita a Alagoas e ao Rio Grande do Norte) em comparação ao visualizado na safra 2019/20, impactando no volume final previsto. Ainda assim, uma produção representativa deve ser colhida, especialmente no Maranhão e no Piauí. Nessas regiões, as lavouras estão em variadas fases fenológicas, dentro do ciclo, tendo muitas delas já em plena maturação e colheita.

Em Minas Gerais foram destinados cerca de 30,2 mil hectares à cotonicultura, representando redução de 20,7% em comparação à área plantada em 2019/20. Tal decréscimo se justifica pela concorrência de área com outras culturas como soja, milho e feijão, que, nesta temporada, têm apresentado melhores rentabilidades. Atualmente, as lavouras estão demonstrando redução no potencial produtivo em razão do baixo regime pluviométrico registrado nos últimos meses, impactando assim, no rendimento médio esperado para a cultura, que, nesse momento, está em 3.723 kg/ha de algodão em caroço (12% inferior à produtividade média obtida na temporada anterior). Assim, a perspectiva para produção final é pessimista, podendo apresentar diminuição de 30,3% em relação ao resultado da safra passada. A colheita está em andamento.

Em São Paulo, a colheita está praticamente finalizada nos 4,7 mil hectares cultivados com a cultura nesta temporada. Restam apenas algumas

lavouras em maturação no oeste e no norte do estado, que serão colhidas muito em breve. A redução significativa na área total plantada nesta safra ajudou a concentrar a maior parte do cultivo em uma janela de plantio menor, fazendo com que as lavouras estivessem em fases próximas dentro do ciclo de desenvolvimento da cultura. Vale destacar que muitos produtores tradicionais de algodão, especialmente na região de Avaré, optaram pelo plantio de soja em detrimento do da cultura, aproveitando o momento de preços atrativos que a soja tem apresentado. A perspectiva geral é de uma produção de qualidade entre boa e regular, com obtenção de aproximadamente 18,7 mil toneladas de algodão em caroço ou 7,3 mil toneladas de algodão em pluma (redução de 57,6% em comparação ao volume produzido em 2019/20).

Na Região Sul, o Paraná foi o único estado produtor de algodão nesta safra. Houve redução na área semeada em relação a 2019/20 devido à competição de área com outras culturas. Ao todo, foram 800 hectares destinados à cotonicultura neste ciclo, e a produção total chegou a 900 toneladas de algodão em pluma, também representando diminuição em comparação ao volume obtido no ciclo anterior (decréscimo de 30,8%).

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ALGODÃO

Legenda - Condição hídrica e de temperatura							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2020/2021										
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C		C
	Sul Maranhense - 2ª Safra			S	E/DV	DV	F	F/FM	FM/M	M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C		C
BA	Extremo Oeste Baiano	S	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C		C
	Centro Sul Baiano	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C		C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C		C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C		C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM/M	M/C	M/C	C		C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C		C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C		C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C		C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C		C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C		C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C		C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C		C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C		C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C		C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C		C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C		C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C		C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C		C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C		C
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C		C
	Sul Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C		C
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C		C

Legenda: (PS)=pré-semearia; (S)=semearia; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 1 – Colheita do Algodão em Avaré - SP

Fonte: Conab.

Foto 2 – Colheita do Algodão em Chapadão do Sul - MS



Fonte: Conab.

Foto 3 – Fardo de Algodão em Chapadão do Sul - MS



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.676,5 mil ha
+0,6%

PRODUTIVIDADE

7.003 kg/ha
+4,3%

PRODUÇÃO

11.741,4 mil t
-5%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.595,8 mil t

PRODUÇÃO 11.741,4 mil t

IMPORTAÇÕES 1.100 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 10.800 mil t

EXPORTAÇÕES 1.300 mil t

12.100 mil t

A colheita chegou ao fim com um resultado superior àquele observado na temporada passada. Houve um pequeno aumento na área plantada e um incremento percentual maior na produtividade média, levando à obtenção de um volume total de 5% acima do registrado em 2019/20. Ao todo, foram cerca de 11,74 milhões de toneladas colhidas, com grande destaque para a produção no Região Sul do país, especialmente Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra 2020/21 de arroz será 5% maior que a safra 2019/20. Esse resultado é reflexo, principalmente, das estimativas de incremento da produtividade (+4,3%). Outro fator preponderante é a área, que aponta para uma menor expansão (+0,6) que inicialmente previsto nos modelos estatísticos.

Cabe ressaltar que a área estimada no presente trabalho foi resultado de pesquisa a campo dos nossos colaboradores das superintendências regionais. Como principais fatores da expansão aquém do previsto, apesar do atual elevado patamar de preço do arroz, destacam-se a falta de água em algumas

regiões do Rio Grande do Sul e os elevados preços dos grãos que competem por área com a cultura do arroz (soja e milho).

Especificamente, sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste levantamento, não houve significativa alteração dos números apresentados no décimo levantamento. Com isso, segue a perspectiva, para o longo de 2021, de recomposição dos estoques de passagem, como resultado da projeção de retração do consumo em razão das estimativas de recuperação econômica, haja vista a elasticidade-renda negativa do arroz.

Sobre a balança comercial, os preços mais elevados no primeiro semestre de 2021, somados à estimativa de fortalecimento da moeda nacional, reduzirá o ritmo de exportações identificado na safra 2019/20, e a projeção é que o país venda 1,3 milhão de toneladas na safra 2020/21. Com isso, a expectativa é que o período encerre com um ameno superavit de 200 mil toneladas na balança comercial do grão, com importações de 1,1 milhão de toneladas para o mesmo período.

TABELA 6- BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2014/15	2.304,9	12.448,6	510,0	15.263,5	11.830,5	1.311,1	2.121,9	
2015/16	2.121,9	10.603,0	1.044,1	13.769,0	11.096,6	935,5	1.736,9	
2016/17	1.736,9	12.327,8	1.141,7	15.206,4	12.215,7	868,8	2.121,9	
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8	
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0	
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	11.000,0	1.813,4	1.595,8	
2020/21	Jul/21	1.595,8	11.765,6	1.100,0	14.461,4	10.800,0	1.300,0	2.361,4
	Ago/21	1.595,8	11.741,4	1.100,0	14.437,2	10.800,0	1.300,0	2.337,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2021.

Estoque de Passagem - Arroz: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Norte houve decréscimo na área plantada em 0,5% em comparação à safra anterior, por outro lado, houve crescimento na produtividade média, perfazendo assim uma produção total de 4,2% superior àquela apresentada em 2019/20 (totalizando 1.033,3 mil toneladas colhidas).

Dessa forma, a região se configurou como a segunda maior produtora nacional de arroz, tendo como maior destaque a produção em Tocantins, que obteve um pouco mais de 692 mil toneladas de arroz nesta temporada, com a maioria oriunda da rizicultura irrigada.

Na Região Nordeste também ocorreu o aumento na área plantada, especialmente no Maranhão, Piauí e Ceará. Atrelado a isso, houve boas condições climáticas ao longo do ciclo, o que possibilitou incremento no rendimento médio da região, alcançando 2.113 kg/ha. Portanto, a produção total foi de 351,3 mil toneladas, representando acréscimo de 8,5% em comparação ao volume colhido em 2019/20.

O Centro-Oeste é a terceira região que mais produz arroz no país. O resultado final dessa safra teve como maior destaque a produção mato-grossense, com quase 68% das 622,5 mil toneladas colhidas na região. Além disso, o Mato Grosso do Sul e Goiás também apresentaram incremento no volume final obtido em relação a 2019/20, consolidando assim uma boa safra de arroz no Brasil central.

Na Região Sudeste, a rizicultura é menor em comparação às demais regiões brasileiras. Mesmo que haja produção nos quatro estados, a área destinada à cultura é pequena, com maior porção observada em São Paulo. No geral,

foram 10,1 mil hectares colhidos na região, com uma produção total de 47,2 mil toneladas. As condições climáticas começaram oscilantes, mas durante o ciclo melhoraram e favoreceram o desenvolvimento da cultura, assim, apresentou rendimento médio superior à temporada passada e impactou diretamente no aumento da produção final em comparação à safra anterior (acréscimo de 11,8%).

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. A área semeada se manteve próxima ao patamar da safra passada (cerca de 1.115,6 mil de hectares), porém o rendimento médio para a região foi satisfatório, atingindo 8.683 kg/ha, representando aumento em relação a 2019/20, de 5,1%.

Em Santa Catarina, a safra já foi finalizada, e a produtividade média surpreendeu positivamente e foi a maior dos últimos anos.

Tendo em vista os preços atrativos durante a safra, os produtores optaram por cultivares mais produtivas no estado, mas que necessitavam de maiores investimentos nos tratamentos culturais.

O clima favorável permitiu a expressão do potencial produtivo dos pacotes tecnológicos adotados. Em média, produziu-se 8.445 kg/ha e 1.254,9 mil toneladas no estado.

No Rio Grande do Sul, foi finalizada a colheita do arroz. A produtividade média foi uma das maiores dos últimos anos, com 8.750 kg/ha. As regiões da Fronteira Oeste e Zona Sul tiveram as melhores médias do estado. A produção foi a quarta maior da história.

Apesar dos problemas com a estiagem na época da semeadura, principalmente na Fronteira Oeste, o preparo antecipado do solo, a semeadura realizada na época preferencial em todo o estado, as boas condições de temperatura e luminosidade durante o ciclo da cultura, a rotação de cultura com a soja, o eficiente controle de plantas daninhas e o uso de sementes certificadas, aliados ao uso de alta tecnologia e com assistência técnica do Irga/RS, foram fatores importantes para os ótimos números da safra em todo o estado. Ao todo, foram 8.277,5 mil toneladas colhidas no estado, um aumento de 5,2% em comparação à safra 2019/20, em uma área semeada de 946 mil hectares.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ARROZ

Legenda - Condição hídrica e de temperatura												
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2020/2021										
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
TO*	Ocidental do Tocantins				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR*	Noroeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
SC*	Norte Catarinense	PS	S	S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Vale do Itajaí	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Sul Catarinense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
RS*	Centro Ocidental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

*irrigado

Fonte: Conab.



FEIJÃO

ÁREA

2.939,7 mil ha
0,4%

PRODUTIVIDADE

1.000 kg/ha
-9,4%

PRODUÇÃO

2.940 mil t
-8,8%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 250,3 mil t
PRODUÇÃO 2.940 mil t
IMPORTAÇÕES 100 mil t
3.290,3 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 3.000 mil t
EXPORTAÇÕES 160 mil t
3.160 mil t

A cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio dentro do ano-safra, favorecendo assim uma oferta constante do produto. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra entre janeiro e abril e o de terceira safra, de maio a julho.

Nesta temporada 2020/21, o primeiro ciclo produziu cerca de 1.011,7 mil toneladas, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi. Tal resultado representou redução de 8,5% em relação ao volume obtido em 2019/20, especialmente pelas oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo na Região Sul e na Bahia, impactando na produtividade das lavouras.

Atualmente, as lavouras de segunda e terceira safras estão em evidência. Elas despontam para suas fases mais agudas do ciclo e devem encaminhar a conclusão das operações de colheita em breve. De maneira geral, as oscilações climáticas reduziram o potencial produtivo da cultura em

regiões importantes, fazendo com que a previsão nacional para a produção total ficasse inferior àquela verificada em 2019/20, estimando-se cerca de 1.152,9 mil toneladas do grão para a segunda safra e 775,3 mil toneladas para a terceira safra. Assim, a perspectiva total para o feijão nesta temporada 2020/21 é de destinação de 2.939,7 mil hectares para o cultivo da cultura (considerando o feijão-comum cores, o feijão-comum preto e o feijão-caupi) e uma produção de 2.940 mil toneladas, sendo 8,8% inferior ao volume colhido na temporada passada.

OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

Desde a última semana de julho, os preços seguem em movimentos de alta. Esse comportamento deve-se ao rigoroso controle das ofertas por parte dos produtores e corretores, à redução dos estoques remanescentes da segunda safra, à necessidade de reposição de mercadorias e às condições climáticas adversas em Goiás e São Paulo, atingidos por geadas.

As mercadorias extras tiveram um aumento considerável no volume ofertado devido ao avanço das colheitas das áreas irrigadas. Já as negociações continuam centradas nos tipos comerciais e com preços menores, e a origem do produto recém-colhido proveniente de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e São Paulo.

Nesta terceira safra, a última safra da temporada 2020/21, além do cultivo nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, ter-se-á a safra em Pernambuco, Alagoas e Bahia. Essa produção complementar o abastecimento da Região Nordeste, e suprirá o abastecimento de outras regiões consumidoras.

Uma boa safra na Região Nordeste acalmará o mercado, e os preços deverão recuar. Com a cotação atual acima de R\$ 7 o quilo no varejo, a tendência do consumidor é restringir o consumo de feijão, dando preferência a outros produtos com preços mais atrativos. Dessa forma, aguarda-se uma menor demanda pelo produto na rede varejista, e, em consequência, menor pressão dos compradores.

FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado, em São Paulo, o mercado segue calmo e com poucas negociações. Contudo, os estoques estão reduzindo e provavelmente os grãos mais fracos podem ter uma melhor procura e serem utilizados para cestas básicas.

Em se tratando da balança comercial, esperava-se uma expressiva redução no volume importado, mas as adversidades climáticas verificadas no Sul do país, notadamente no Paraná, comprometeram mais de 100 mil toneladas da produção esperada. Dessa forma, os números deverão ser semelhantes aos registrados em 2020. Quanto à exportação, em que pese os elevados preços praticados no mercado interno, deverá ficar em torno da registrada em 2020.

Neste levantamento, a Conab estima uma produção de 2,94 milhões de toneladas. Esse volume representa um decréscimo de 8,8% em relação à registrada em 2019/20. Agora, com a redução do auxílio emergencial, produção ajustada e preços em patamares elevados, a tendência é que o consumo interno recue, situando-se em torno de 3 milhões de toneladas.

Nesse cenário, partindo-se do estoque inicial de 250,3 mil toneladas, o consumo em 3 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas

e as exportações em 160 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 130,3 mil toneladas.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
2019/20	240,7	3.222,6	113,6	3.576,9	3.150,0	163,0	250,3
2020/21	Jun/21	250,3	3.009,6	100,0	3.359,9	3.050,0	149,9
	Jul/21	250,3	2.940,0	100,0	3.290,3	3.000,0	130,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em agosto/2021.

Estoque de Passagem - feijão: 31 de dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

FEIJÃO-COMUM CORES

A segunda safra de feijão-comum cores está em fase final de colheita, com perspectiva geral de redução na produção final em comparação a 2019/20, especialmente pela diminuição na área plantada e também pela irregularidade climática visualizada durante o ciclo da cultura, principalmente no que diz respeito ao regime pluviométrico no Centro-Sul do país. A estimativa atual é de obtenção na ordem de 442,7 mil toneladas com o feijão-comum cores nesse período, indicando decréscimo de 21,9% em comparação ao resultado demonstrado no ano passado.

Em Rondônia foram cerca de 3,3 mil hectares colhidos com a cultura nessa segunda safra. As operações finalizaram na primeira quinzena de julho, e o resultado obtido foi de 4,2 mil toneladas, sendo um pouco menor que na

temporada passada em razão da redução de área.

Na Paraíba, as operações de colheita estão em fase final nos 23,9 mil hectares destinados ao cultivo do feijão-comum cores de segunda safra. A produção estimada é próxima daquela alcançada em 2019/20, e deve ficar em 10,6 mil toneladas colhidas.

Na Bahia, a previsão é de colheita em agosto dos 15 mil hectares destinados à cultura nesse período. O cultivo é mais tardio, depois da colheita da soja, justamente para mitigar a incidência de mosca-branca, porém sem sofrer com os impactos da redução das precipitações durante o outono-inverno no extremo-oeste baiano (local onde está a maior concentração desse cultivo). As lavouras foram manejadas sob irrigação e devem manter um bom potencial produtivo, podendo alcançar cerca de 40,5 mil toneladas colhidas.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-comum cores segunda safra está encerrada nos 24,1 mil hectares semeados com a cultura nesse período. A escassez de precipitação em momentos críticos do desenvolvimento das plantas fez com que o potencial produtivo da cultura fosse afetado, apresentando, assim, redução no rendimento médio alcançado. Além disso, houve diminuição na área plantada em comparação ao ano passado, impactando ainda mais no resultado final. Dessa forma, a produção total ficou em 34,6 mil toneladas, representando decréscimo de 55,9% em comparação ao resultado obtido em 2019/20.

Em Minas Gerais houve redução na destinação de área para o plantio do feijão-comum cores nesta segunda safra, se comparado ao visualizado na temporada passada. Foram cerca de 95,2 mil hectares semeados com a cultura nesta temporada, representando diminuição de 22,5% em relação

a 2019/20. A colheita está recém-concluída, e o volume total foi bastante impactado pela diminuição de área e pelas oscilações climáticas ao longo do ciclo (períodos de estiagem, baixas temperaturas e geadas). Assim, a produção ficou aquém daquela obtida na temporada anterior, alcançando em 117,9 mil toneladas (decréscimo de 30,3%).

No Paraná, a colheita está encerrada, confirmando as recentes previsões de redução no rendimento das lavouras em razão das oscilações climáticas, especialmente pela escassez de chuvas em períodos críticos do desenvolvimento da cultura e a ocorrência de geadas. É bem verdade que as primeiras áreas colhidas obtiveram boas produtividades, mas as lavouras mais tardias foram impactadas por essas intempéries climáticas e isso redundou em diminuição no potencial produtivo das plantas e na qualidade dos grãos formados. Assim, mesmo com o aumento de área plantada visualizado nesse ciclo, a produção foi 6,5% inferior àquela obtida em 2019/20, ficando em 125,3 mil toneladas.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. Para esta temporada houve acréscimo na área cultivada em relação a 2019/20, alcançando 192,1 mil hectares semeados em todo país. O maior destaque fica por conta da produção na Região Sul, especialmente no Paraná, que representa mais de 70% dessa área total. Quanto à produção, foram obtidas cerca de 223,9 mil toneladas, representando incremento de 21,4% em comparação ao exercício passado, especialmente pelo aumento de área.

Na Paraíba, a colheita está finalizada nos 2,6 mil hectares semeados com a cultura nesse ciclo. O aumento de área em comparação a 2019/20

impulsionou a produção total, que chegou a 1,2 mil toneladas (20% maior que o exercício anterior).

Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área destinada nesta safra foi de 6,4 mil hectares, com obtenção de 4,7 mil toneladas.

No Paraná, o expressivo aumento de área visualizado nesse ciclo impulsionou as estimativas para a presente safra. Ao todo, foram 134,5 mil hectares semeados com o feijão-comum preto nesta segunda safra, representando aumento de 23,2% em relação ao total cultivado em 2019/20. Houve atraso no plantio, que acarretou em problemas para as lavouras, principalmente por ficarem mais susceptíveis ao estresse hídrico (devido aos menores níveis de precipitação que tradicionalmente ocorre no período de outono/inverno) que acometeu as plantas em fases críticas de seu desenvolvimento (como floração e enchimento de grãos), além de incidência de geadas ao fim do ciclo. Ainda assim, mesmo com a redução estimada para a produtividade média, a produção total deverá ser superior àquela registrada em 2019/20, alcançando cerca de 153,7 mil toneladas. A colheita está finalizada.

Em Santa Catarina houve aumento na área semeada em comparação a 2019/20 (incremento de 47,2%). Os preços atrativos pagos pelo produto e a janela de plantio encurtada para o cultivo da soja “safrinha”, devido ao atraso nas culturas de primeira safra, fizeram com que muitos produtores optassem pelo cultivo do feijão. Assim, foram cerca de 29,1 mil hectares destinados a tal plantio nessa segunda safra. No entanto, as chuvas escassas de março e abril comprometeram a expressão do potencial produtivo da cultura e do pacote tecnológico empregado pelos

produtores. Com a colheita encerrada, o que se obteve foi uma redução na produtividade média em relação à safra passada, mas que acabou sendo contornada pelo incremento de área, fazendo com que a produção total alcançasse 35,4 mil toneladas (acréscimo de 28,7% em relação à temporada anterior).

No Rio Grande do Sul, a colheita está encerrada. Apesar da ocorrência de geadas, principalmente no Planalto Médio, as condições climáticas ao longo do ciclo foram consideradas boas, se comparada à safra passada, que registrou severos períodos de estiagem. Nesta temporada a produtividade ficou em 1.472 kg/ha, e a produção final na ordem de 27,7 mil toneladas (resultado 23,7% superior ao visualizado em 2019/20).

FEIJÃO-CAUPI

Na Paraíba, mesmo com toda pulverização do cultivo do feijão-caupi, a colheita seguiu em bom ritmo, encerrando suas operações ainda em julho. Foram aproximadamente 73,8 mil hectares semeados nesse ciclo, sendo um pouco menor do que os 76,5 mil hectares plantados no ano passado. De maneira geral, as oscilações climáticas influenciaram diretamente no rendimento das lavouras, tendo a irregularidade das chuvas como fator preponderante para a redução na produtividade média em comparação a 2019/20. Assim, a produção final ficou em 25,3 mil toneladas, representando diminuição de 23,3% em relação ao volume obtido na temporada passada.

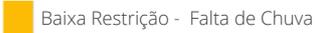
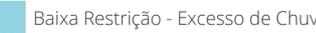
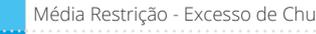
Em Pernambuco, mais especificamente na mesorregião do sertão (chapada do Araripe e regiões serranas), foram destinados cerca de 104,7 mil hectares para o plantio de feijão-caupi nessa segunda safra. O clima foi considerado desfavorável durante parte do ciclo da cultura, isso acarretou

em redução no potencial produtivo, especialmente em razão dos baixos níveis de precipitação nas localidades em questão. Assim, a produção final ficou em 24,1 mil toneladas, sendo 40% inferior ao resultado de 2019/20.

Na Bahia, o cultivo do feijão-caupi de segunda safra ocorreu após a colheita da soja, destinando cerca de 50 mil hectares para tal semeadura. O manejo da cultura é realizado, majoritariamente, em condições de sequeiro e concentra a maioria das lavouras no extremo-oeste do estado. As condições climáticas estão oscilantes, mas as lavouras apresentam bom desenvolvimento, até pela maior rusticidade que a cultura tem, especialmente em tolerância de deficit hídrico. Atualmente, a cultura está em fase final de colheita, e a estimativa é de produção na ordem de 51 mil toneladas (acréscimo de 86,8% em comparação a 2019/20 devido ao expressivo aumento de área plantada e as melhores condições edafoclimáticas).

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi segunda safra está encerrada nos 152,8 mil hectares semeados com a cultura nesse período. Observa-se que, mesmo para o feijão-caupi, que é uma cultura mais rústica e menos sensível à escassez hídrica, houve redução de rendimento médio, pois parte das lavouras foi semeada fora da janela ideal e tem sofrido com a escassez hídrica. No entanto, o bom incremento de área plantada visto nesse ciclo potencializou a produção final, que chegou a 146,7 mil toneladas do grão, resultado um pouco maior que o obtido em 2019/20.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica e de temperatura													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas				
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra - Safra 2020/2021											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	
MA	Oeste Maranhense				PS	S/E	DV/F	EG/M	M/C				
	Centro Maranhense				PS	S/E	DV/F	EG/M	M/C				
	Sul Maranhense			S/E	DV/F	EG/M	M/C						
CE	Noroeste Cearense		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
	Norte Cearense		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
	Sertões Cearenses		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
MT	Norte Mato		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
	Nordeste Mato		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
	Sudeste Mato		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		SS	S/E	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C					
GO	Noroeste Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
	Norte Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
	Leste Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
	Sul Goiano		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
	Noroeste de Minas		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C						
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C						
	Central Mineira		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C						
	Vale do Rio Doce		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C						
	Oeste de Minas		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C						
	Sul/Sudoeste de Minas		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C						
	Campo das Vertentes		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C						
	Zona da Mata		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C						
ES	Central Espírito-Santense		S/E	DV/F	EG	EG/M	EG/M/C						
	Campinas		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
SP	Assis		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
	Itapetininga		S/E	DV/F	EG	EG/M	C						
	Norte Central Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG	EG/M	M/C						
PR	Norte Pioneiro Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	S/E	DV	DV/F	EG/M/C	M/C	C						
	Oeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C						
	Sudeste Paranaense	S/E	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba	S/E	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C						
SC	Oeste Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C						
	Norte Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C						
	Sul Catarinense		S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	C						

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

As lavouras estão entrando nas fases mais agudas do ciclo, chegando à maturação e à colheita. Ao todo foram semeados cerca de 571 mil hectares com o feijão nesse período, e a estimativa nacional é de obtenção de aproximadamente 775,3 mil toneladas do grão.

FEIJÃO-COMUM CORES

Esse tipo de feijão é disparadamente o mais cultivado nesse período de terceira safra. As Regiões Nordeste, Centro-Oeste e até o Sudeste, se destacam bastante no plantio dessa cultura, especialmente em condição irrigada. De maneira geral, a destinação de área para esse cultivo foi de 491,4 mil hectares por todo país, e a expectativa para produção é na ordem de 728,4 mil toneladas.

Em Pernambuco, a destinação de área para o plantio do feijão-comum cores terceira safra foi de 76,8 mil hectares. Atualmente, as lavouras estão em fase de maturação e colheita, com produção estimada de 59,9 mil toneladas.

Na Bahia, esse período é de grande relevância para a produção de feijão-comum cores. Na temporada atual, por exemplo, foram semeados cerca de 161,5 mil hectares com a cultura, representando a maior destinação de área entre todos os estados durante a terceira safra de feijão. A cultura se concentra, majoritariamente, na região nordeste do estado, e as lavouras atualmente se encontram em estádios de enchimento de grãos e maturação. A má distribuição das chuvas causou perdas nas lavouras cultivadas, visto que as plantas avançam para a fase de florescimento, tendo pouco desenvolvimento vegetativo (as lavouras não conseguiram cobrir o solo). Nesse cenário, a expectativa é de redução na produtividade

média em comparação a 2019/20, que, atrelada à diminuição na área plantada, deverá redundar em uma produção bem inferior àquela verificada no ano passado (estimativa atual é de produção na ordem de 84 mil toneladas).

Em Mato Grosso, o plantio do feijão-comum cores irrigado de terceira safra foi concluído em julho, e a perspectiva de aumento de área foi concretizada. Calcula-se sementeira de 67,9 mil hectares, aumento de 25,9% em relação aos 53,9 mil hectares plantados na última temporada devido, principalmente, ao encurtamento da janela para o feijão de segunda safra, que obrigou o seu plantio no atual período. Devido às temperaturas amenas das últimas semanas, observa-se que as lavouras ainda estão um pouco “travadas” no que se refere ao seu crescimento, pois o frio restringe o desenvolvimento vegetativo da cultura. Os trabalhos de colheita estão projetados para ocorrer principalmente em agosto e setembro, com perspectiva de colheita na ordem de 162,3 mil toneladas. Em Goiás, a colheita alcançou cerca de 30% da área total semeada (59,3 mil hectares). O produto obtido tem sido de boa qualidade, com rendimentos satisfatórios. Nas lavouras mais tardias, localizadas principalmente em Cristalina e no oeste goiano (Jussara, Britânia e Santa Fé), a previsão é que as operações de sega se estendam até setembro. Na região sudoeste houve incidência de geadas que comprometeram algumas lavouras. Pelo menos 800 hectares de feijão terceira safra foram atingidos (entre Rio Verde e Montividiu). Vale ressaltar a preocupação com os níveis de água nas barragens para a irrigação complementar dessa cultura, visto que há um alerta devido à escassez de chuvas em certos locais do estado. A estimativa de produção está em 177,9 mil toneladas.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo destinaram área para o plantio de feijão-comum cores nessa terceira safra. Ao todo, foram cerca de 84,1 mil hectares distribuídos entre os dois estados, porém com

concentração bem maior no primeiro. Assim, a estimativa aponta para 68,9 mil hectares semeados com a cultura em território mineiro, com previsão de produção de 174,8 mil toneladas. Já em São Paulo, foram semeados cerca de 15,2 mil hectares, visto que tal cultivo é manejado em condição irrigada e apresenta, tradicionalmente, bons desempenhos quantitativos e qualitativos, especialmente por lançar mão de um manejo intenso no controle da mosca-branca, que é a praga-chave para a cultura, além de ser vetor de doença importante (vírus do mosaico dourado). Atualmente, as lavouras estão em fase de maturação e colheita, apresentando boas perspectivas para a produção final do grão (estimativa de diminuição em relação ao resultado obtido na safra 2019/20, devendo alcançar 31,9 mil toneladas).

Na Região Sul, o único estado produtor nesse período é o Paraná, com uma pequena porção de área destinada a tal cultivo. Nesse ciclo foram 1,1 mil hectares semeados, com uma expectativa de produção na ordem de 500 toneladas. Tal estimativa considera perdas importantes de rendimento e até redução na área plantada em comparação aos números observados em 2019/20. As intempéries climáticas como estiagem e geadas registradas durante o ciclo têm peso importante nessa projeção.

FEIJÃO-COMUM PRETO

A representação do feijão-comum preto na terceira safra é reduzida, com pequenas áreas plantadas em Minas Gerais (cerca de 200 hectares), Distrito Federal (cerca de 200 hectares), além de uma maior concentração em Pernambuco, que alcançou 16,2 mil hectares semeados. As lavouras estão entrando nas fases mais agudas do ciclo, apresentando estimativa de produção nacional na ordem de 12 mil toneladas.

FEIJÃO-CAUPI

A terceira safra de feijão-caupi se concentra nas Regiões Norte e Nordeste, com maior destaque para o Pará, Pernambuco e Bahia. As lavouras já se encontram em fases reprodutivas e até mesmo em colheita, com projeção de obtenção de aproximadamente 34,9 mil toneladas.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica e de temperatura													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Feijão terceira safra - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PE	Agreste Pernambucano								S/E	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	
BA	Nordeste Baiano	C								S/E	DV/F	F/EG/M	M/C
MT	Norte Mato-grossense	C								E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C								E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
	Norte Goiano	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
	Leste Goiano	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
MG	Sul Goiano	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
	Noroeste de Minas	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C								E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 4 – Feijão em enchimento de grãos em Arinos - MG

Fonte: Conab.

Foto 5 – Feijão sob pivô central em Arinos - MG



Fonte: Conab.



MILHO

ÁREA

19.823,9 mil ha

7%

PRODUTIVIDADE

4.371 kg/ha

-21,1%

PRODUÇÃO

86.650,1 mil t

-15,5%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 10.602,4 mil t

PRODUÇÃO 86.650,1 mil t

IMPORTAÇÕES 2.300 mil t

99.552,5 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 71.321 mil t

EXPORTAÇÕES 23.500 mil t

94.821 mil t

Na consolidação das três safras, o desempenho das lavouras de milho, no momento atual, aponta para uma produção de 86,7 milhões de toneladas, representando redução de 15,5%, e de 21,1% na produtividade, em relação ao alcançado na safra anterior.

Para o milho primeira safra, os trabalhos de colheita já foram encerrados. Com relação à cultura de segunda safra, as operações de colheita intensificadas a partir de junho, encontra algumas lavouras ainda nas fases de maturação e finalização de colheita. O milho terceira safra, que se desenvolve nas regiões do Sealba, Roraima e Amapá, encontra-se em desenvolvimento vegetativo, enfrentando restrições do clima nas diversas regiões.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, a Conab apresenta sua nova expectativa de produção de milho. É esperado uma produção total de 86,7 milhões de toneladas, ou seja, uma redução de 15,5% em relação à safra 2019/20. Esse ajuste ocorre diante da constatação em campo de uma significativa redução de produtividade de 25,7% na safra em curso, comparada à safra anterior.

Para os dados de consumo doméstico, a Conab reduziu sua projeção de consumo doméstico para 70,9 milhões de toneladas, todavia esse novo número avaliza um aumento de 3,3%, contraposto ao observado na safra anterior. O ajuste ocorre diante da verificação de uma menor disponibilidade do cereal para consumo.

Entretanto, compete destacar que o volume total de milho a ser consumido internamente é o maior da série projetada pela Conab, e acompanha o bom desempenho do setor de proteína animal brasileiro, principal setor demandante do grão no país.

Por outro lado, a Conab manteve inalterada sua projeção de importação de milho em 2,3 milhões de toneladas, por outro lado, reduziu a expectativa de exportação para 23,5 milhões de toneladas. O ajuste sobreveio ante a constatação de uma menor disponibilidade do cereal após as perdas nas lavouras e da reversão do destino de contratos de exportação para o mercado doméstico.

Diante dos ajustes citados, o estoque final esperado ao fim do ano-safra 2020/21 é de 5,1 milhões de toneladas, redução de 51,5% em comparação à safra anterior. Esse novo arranjo é explicado, principalmente, pela redução da produção total de milho causada pela menor disponibilidade hídrica durante o desenvolvimento das lavouras de segunda safra e de geadas

ocorridas nas Regiões Sul e Sudeste durante julho.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.397,1	56.319,1	18.847,3	5.231,4
2016/17	5.231,4	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,2
2017/18	15.876,2	80.709,5	900,7	99.203,1	59.162,0	23.742,2	14.582,1
2018/19	14.582,1	100.042,7	1.596,4	116.221,2	64.957,8	41.074,0	10.189,4
2019/20	10.189,4	102.515,0	1.453,4	114.157,8	68.662,5	34.892,9	10.602,4
2020/21	Jun/21	10.602,4	93.384,6	2.300,0	106.287,0	71.321,0	5.466,0
	Jul/21	10.602,4	86.650,1	2.300,0	99.552,5	70.910,0	5.142,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2021.

Estoque de Passagem: 31 de Janeiro.

AVALIAÇÃO POR ESTADO

MILHO PRIMEIRA SAFRA – 2020/21

O atraso das chuvas interferiu no planejamento das lavouras do milho primeira safra. Mesmo assim, a área plantada, em linha com uma tendência já observada nas últimas temporadas, apresentou crescimento de 3,2% em relação à safra passada, atingindo 4.370,5 mil hectares. Esse fato, no entanto, não foi suficiente para compensar os efeitos do clima, com a produção apresentando forte redução, atingindo 24.898,2 mil toneladas, com redução de 3,1% em comparação ao volume produzido no período 2019/20.

Na Região Norte/Nordeste houve incremento na área plantada de 6,7%, estimada em 1.414,7 mil hectares. A produção registrou incremento de 2% em relação ao período anterior, atingindo 6.062 mil toneladas.

No Piauí, a área de milho primeira safra apresentou redução de 1,6% em relação à safra anterior, atingindo 428,5 mil hectares, aí contempladas as áreas de agricultura familiar e empresarial. Essa redução está relacionada à substituição do milho pela soja no sudoeste piauiense devido aos preços atrativos para a soja. A produtividade média esperada para a cultura no estado gira em torno dos 4.427 kg/ha, redução de cerca de 5,9% em relação à safra anterior. Esta produtividade leva em consideração dezembro na região sudoeste piauiense e foi encerrada no final de janeiro na região norte. A colheita já está finalizada na região sul do estado, e seguindo bem adiantada nas regiões centro-norte e norte. Cerca de 90% das lavouras no estado já foram colhidas, restando cerca de 10% em maturação. Todas as áreas ainda por colher são oriundas da agricultura familiar.

Na Bahia, no extremo-oeste, a colheita do milho primeira safra está bem adiantada, e deve ser finalizada na próxima semana. Estima-se que 11% da área seja cultivada por pequenos produtores, obtendo-se uma produtividade de 840 kg/ha, os outros 89% estão sobre os cuidados de grandes e médios produtores, obtendo a produtividade de 10.800 kg/ha. Os grãos apresentam ótimas qualidades, e a produção abastece o mercado atacadista e pecuário da Bahia e demais estados da Região Nordeste, além de haver a exportação de alguns lotes. A maioria da produção colhida é prontamente comercializada, havendo pouco volume armazenado.

No Centro-Norte, as últimas lavouras foram colhidas na região de Irecê, com baixa produção e qualidade inferior, já que as plantas formaram grãos mais secos e quebradiços. Todavia, mesmo com grãos defeituosos, o produto foi bastante demandado em razão dos preços elevados e, assim, a rentabilidade dos agricultores foi razoável, considerando o volume e a qualidade do produto. De acordo com os informantes, houve necessidade

de complementar a oferta do milho com insumo proveniente do oeste do estado. No centro-sul, as perdas do milho foram as mais expressivas entre os grãos produzidos na região. Segundo os informantes, não houve excedente para comercializar em mercados diferentes do qual foi produzido, já que a quantidade não compensava o transporte para mercados mais distantes.

No Maranhão, o cultivo de milho pela agricultura familiar é realizado com grande participação das sementes distribuídas pelo governo do estado, por meio do Programa Mais Sementes e Mudas. Os pequenos produtores realizaram o plantio entre dezembro e fevereiro, por intermédio de cultivo em roça no toco e plantio consorciado com outras culturas, como arroz, feijão-caupi e mandioca. Grande parte da produção da cultura é voltada para comercialização do produto verde, colhido entre abril e maio. Os grãos secos, colhidos em junho e julho, são usados para consumo próprio, com pouca comercialização local. No leste maranhense, grande parte dos produtores realiza o cultivo de milho após o plantio da soja, em fevereiro. A colheita foi iniciada em junho e acontecerá até o início de agosto, uma vez que os produtores deixam as espigas secarem nas plantas até atingir umidade ideal. A maior parte da produção em questão é voltada para o mercado interno, para indústrias de ração ou granjas de outros estados. Apenas uma propriedade localizada em Magalhães de Almeida realiza exportação de parte dos grãos, por meio de trading.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica e de temperatura							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

Continua

Legenda – Condição hídrica e de temperatura

	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense						S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
GO	Centro Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Leste Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	São José do Rio Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Ribeirão Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Bauru			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campinas			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Central Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
SC	Norte Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Serrana		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Sudeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA – 2020/21

A segunda safra de milho 2020/21, avaliada neste levantamento, contempla os danos causados pela seca verificada nos principais estados produtores, adicionados pela ocorrência de massas de ar frio que trouxeram geadas nos principais estados produtores da Região Centro-Sul, e ganharam intensidade nas últimas semanas, sendo, na medida em que a colheita ainda ocorre, impreciso quantificar os elementos para dimensionar os impactos nas lavouras, uma vez que parte delas se encontra na fase de enchimento de grãos e maturação. Mesmo com o aumento de 8,1% na área plantada, estimada em 14.872,3 mil hectares, as condições adversas derrubaram os níveis de produtividade, para 4.056 kg/ha, com redução de 25,7% em relação à temporada passada. A produção ora estimada foi de 60.322 mil toneladas, representando queda de 19,6%, comparada à safra passada.

Na Região Norte/Nordeste, a área de plantio atingiu 1.698,5 mil hectares, com aumento de 8,1% em relação ao exercício passado. O atraso ocorrido na semeadura provocou o comprometimento nas produtividades das lavouras, fazendo com que a produção seja agora estimada em 4.437 mil

toneladas, indicando acréscimo de 2,2% frente à temporada passada.

No Pará, o milho apresentou crescimento de 26,6% em relação à safra passada, no que se refere à área de plantio. Essa aposta no milho foi incentivada pelos bons preços que o produto vem registrando no período. A colheita da segunda safra está finalizando, essa lavoura sofreu com as irregularidades das chuvas em virtude de parte delas terem sido cultivadas fora da janela ideal de plantio. A região oeste do estado ainda colherá milho até a primeira quinzena de agosto. Em todo o estado se colherá acima das 367,5 mil toneladas, com produção 8,3% maior que a safra passada.

No Maranhão, a colheita do milho na região sul do estado avançou significativamente em julho, estimado em 70% da área plantada, com uma produtividade média de 5.078 kg/ha. A área plantada desse cereal permanece no mesmo patamar do levantamento anterior, qual seja, 200,8 mil hectares, que representa aumento de 10,1% em relação à safra anterior em virtude da alta valorização do produto no mercado interno. Algumas poucas propriedades, na região de Chapadinha, experimentaram o plantio de segunda safra de milho sequeiro após a colheita da soja precoce no final de abril, como experimento. O cultivo desse cereal nesse período normalmente tem baixa viabilidade na região em razão do regime de chuva que reduz após maio, quando se inicia o período seco.

No Piauí houve aumento na área com relação à safra anterior, já que muitos produtores conseguiram implantar boas áreas de soja ainda em outubro e, com isso, a colheita foi antecipada, propiciando uma maior janela de plantio e condições climáticas mais favoráveis. O plantio teve início no segundo decêndio de fevereiro e finalizou na segunda quinzena de março. A cultura se encontra com 35% em maturação e 65% já colhido.

Até o momento, registra-se uma área plantada de 94,1 mil hectares, 193% superior, comparada à safra passada. São consideradas em boas condições 47% das lavouras, 43% em condições regulares e 10% ruins. As chuvas ocorridas no final do ciclo da cultura, a partir de maio, foram muito irregulares e de baixa intensidade, prejudicando a fase de enchimento de grãos das áreas que foram plantadas em março.

Em Tocantins, a colheita do grão vem atingindo patamares superiores a 70% da área semeada, e a produtividade vem oscilando entre 3.900 e 4.920 kg/ha. Registramos no campo a grande utilização de silos bolsas nas fazendas, o que caracteriza deficit de armazenagem no setor agrícola, principalmente em regiões de constante expansão agrícola. Os produtores estão no aguardo de melhores preços e, no momento, vêm segurando a comercialização do grão.

Em Rondônia, a área cultivada foi de 200 mil hectares, 7,5% maior que a safra passada, onde foram cultivados 186 mil hectares. O aumento veio acompanhado pelo maior investimento em insumos, como sementes, calcários e fertilizantes, além do clima que contribuiu para o plantio na região do cone sul do estado, onde concentra a produção de grãos. A produção tende ser 7,1% maior na safra atual, ou seja, variando de 968,9 mil toneladas na safra 2019/20 para 1.038 mil toneladas na safra 2020/21. A caracterização fenológica é a seguinte: 88% colhido e 12% apto a colher. A colheita ocorreu de forma maciça em julho e somente na segunda quinzena de agosto teremos uma melhor definição da produtividade e, por conseguinte, da produção.

Na Região Centro-Sul, estimuladas pelas cotações e também pela ampliação dos prazos de plantio, determinado pelo zoneamento agrícola em alguns estados, a área plantada atingiu 13.173,8 mil hectares,

incremento de 8,1% sobre o exercício anterior. A expectativa de produção sofreu forte revés, afetada pela combinação de escassez de chuvas e temperaturas frias acompanhadas por sucessivas geadas, estimada agora atingir 55.884,9 mil toneladas, redução de 20,8% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso ocorreu grande heterogeneidade no desempenho das lavouras, e constata-se que, à medida que os trabalhos de colheita evoluem, o efeito adverso das áreas plantadas fora da janela ideal tende a ser mais forte que o inicialmente projetado. O rendimento de tais lavouras, que representa pouco mais de 40% dos 5.818,3 mil hectares plantados, tem sido muito abaixo do desejável, o que tem provocado queda na média geral do estado. Calcula-se produtividade média de 5.689 kg/ha, 11% inferior à registrada na temporada passada, de 6.392 kg/ha. Em julho, pouco mais de 70% da área foi colhida, contabilizando 87,9% no fechamento do mês, restando 12,1% para serem finalizados em agosto. É importante destacar que os trabalhos apresentam atraso em relação ao mesmo momento do ano passado, quando somavam 97,2%. Esse atraso é decorrência do retardamento no ciclo da soja, fator que também responde pela semeadura de parcela relevante da safra fora da janela, em detrimento da consecução de seu pleno potencial produtivo, a despeito de crescente grau de investimentos realizados para o milho.

Em Mato Grosso do Sul, a formação de geadas em junho e julho afetou em diferentes níveis, aproximadamente 69% das áreas semeadas que apresentavam susceptibilidade ao evento climático, conforme já havia sido divulgado no levantamento realizado pela Conab no mês anterior. Nos municípios que fazem divisa com o Paraguai, locais onde as produtividades estimadas se encontravam em níveis razoáveis e esperava-se resultados

satisfatórios, agora está estimada em níveis muito baixos, assim como no restante do estado. A perda de umidade dos grãos está lenta tanto pela alteração da fisiologia da planta, tanto pela ocorrência de geadas, como pela manutenção de dias frios e curtos. Logo, a evolução da colheita segue lenta quando comparada às safras anteriores, atingindo, até o momento, 18% da área, sendo as regiões norte e nordeste do estado as mais adiantadas. Com 80% das lavouras em processo de perda de umidade nos grãos, o pico da colheita só deverá ocorrer a partir da segunda semana de agosto. Há ainda 2% de cultivos, localizados em relevos elevado e/ou que protegem do vento sul, que ainda seguem enchendo grãos mesmo com a baixa disponibilidade hídrica do momento. Há possibilidade de que estas lavouras sejam afetadas pela nova onda de frio que está prevista para o final de julho. A qualidade do produto colhido está boa, até o momento, e a comercialização está estagnada, com os produtores buscando primeiramente cumprir seus contratos, para, depois, quantificar sobras para comercializar no mercado disponível.

Em Goiás, cerca de 50% das lavouras já foram colhidas. A qualidade do grão não tem sido satisfatória com relação ao peso e tamanho (rejeição por parte do mercado de rações). Temperaturas baixas dificultam a perda de umidade do grão. Relatos de colheita ocorrendo mesmo com grãos úmidos em razão do risco de tombamento (ventos e geada deixando as plantas com colmos mais frágeis). Os grãos ficaram com peso abaixo do normal em muitas lavouras, visto que a falta de umidade no momento do enchimento de grãos fez com que eles ficassem com tamanho menor e mais leve - isoporizados. O estresse hídrico, associado com a queda da polinização, fez com que o terço final da espiga não tivesse formação de grãos, contribuindo também para a queda da produtividade média. No geral não houve perdas qualitativas significativas relativas à formação de

palha e envelopamento das espigas, que ocorreu de maneira a proteger satisfatoriamente os grãos. Houve relatos de ataques de cigarrinhas em muitas regiões, favorecendo o surgimento dos fungos causadores da fumagina, o que acaba por prejudicar a capacidade fotossintética das plantas, causando danos econômicos. Observou-se em algumas áreas perdas expressivas na granação, a ponto de não ser viável economicamente a operação de colheita, sendo realizadas a ensilagem da matéria verde.

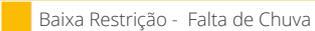
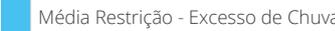
Em São Paulo, os plantios de milho segunda safra ocorreram entre janeiro e março na maioria dos casos. Com a maior parte do milho em enchimento de grãos e maturação, a realidade de quebra da safra se concretiza. Há relatos de regiões ao norte/noroeste do estado onde a perda da lavoura foi total, restando apenas as áreas irrigadas, com produção significativa. Em visita a campo foram observadas em diversas regiões plantas e espigas com desenvolvimento muito aquém do potencial. Em regiões onde o clima é mais frio, úmido e durante às noites com ocorrência de neblina (Assis, Ourinhos, Pedrinhas Paulista), a perda de produtividade foi menor. A frente fria que avançou sobre o estado esta semana provocou geadas nas principais regiões produtoras. As lavouras mais tardias, que ainda tinham grãos com algum grau de umidade são as que mais sofreram. Informantes, neste momento, preferem não mensurar as perdas dessa última geada, mas indicam perdas severas.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica e de temperatura			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

Continua

Legenda - Condição hídrica e de temperatura

	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra - Safra 2020/2021								
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense - RO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
MA	Sul Maranhense - MA		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sertões Cearenses		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Jaguaribe		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
RN	Sul Cearense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Potiguar		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PB	Agreste Potiguar			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sertão Paraibano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	EG/M/C	C		
PE	Agreste Paraibano			S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MT	Sertão Pernambucano		PS	S/E/DV	F/EG	EG/M	EG/M/C	C		
	Norte Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C	
MS	Nordeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - MT	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	C
GO	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	C
MG	Leste Goiano - GO		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C	C
SP	Noroeste de Minas - MG		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C	C
PR	Assis - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C
	Itapetininga - SP	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
	Norte Central Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG	EG/M	M/C	C
	Oeste Paranaense - PR	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA - 2020/21

A terceira safra de milho na região do Sealba, Amapá e Roraima, contará com uma área de 581,1 mil hectares, correspondendo a um incremento de 8,5% sobre o observado na safra passada. As regiões produtoras estão localizadas de maneira estratégica, próximas do Amazonas, Ceará e Pernambuco, grandes consumidores regionais de soja e milho. As regiões produtoras mais distantes do litoral, na Bahia, Alagoas e Sergipe, estão sendo afetadas pela falta de chuvas, surpreendendo as lavouras no início de estágios reprodutivos.

Na Bahia, o cultivo do milho no extremo-oeste acontece em sucessão à soja precoce, não tendo custo para o preparo do solo, e reduzido custo com fertilizantes, mas a restrição hídrica em maio e junho prejudicou a fase de enchimento de grãos. A colheita segue em 60% da área cultivada e deve se estender até meados de agosto.

Em Pernambuco, oposto ao que ocorreu na safra anterior, quando o clima foi favorável desde o primeiro mês da janela de plantio, neste ano, com incidência de veranicos, temperaturas elevadas e baixa umidade relativa do ar, principalmente em dezembro e fevereiro, no qual as culturas estariam no estágio de desenvolvimento vegetativo e/ou floração. Os índices pluviométricos que incidiram na mesorregião do sertão, além de ter retardado a semeadura em grande parte das áreas cultivadas, aconteceram de forma espaçada e com baixa intensidade durante todos os estágios de desenvolvimento da cultura. Atualmente a cultura se encontra no estágio final de colheita.

Em Alagoas, espera-se uma área de 40,5 mil hectares, aumentando

em 1.400 hectares a estimativa realizada no levantamento em maio. De acordo com informantes, espera-se superação das marcas da safra anterior, pois novas técnicas estão sendo utilizadas bem como o solo está se tornando mais adaptado a cada ciclo produtivo. Vale destacar a chegada de novos agricultores, mesmo que de maneira modesta no estado, o que tem favorecido o aumento da área bem como de produtividade, estimulando os agricultores locais a diversificar suas áreas de cultivo da cana-de-açúcar, por exemplo. O aumento do dólar e a facilidade de escoamento da produção na região são indicadores positivos para uma grande rentabilidade, o que está gerando a migração de grandes produtores das Regiões Centro-Sul do país, para Alagoas. Vale ressaltar que atualmente os técnicos da Embrapa vêm testando novas variedades, o que vem ajudando os produtores a escolher a espécie ideal para cada região. Outro aspecto que merece destaque no estado é que a produção obtida ainda não supre a demanda local. As lavouras se encontram na fase vegetativa, para os que iniciaram o plantio a pouco tempo, no caso dos pequenos agricultores que receberam sementes do estado e para os maiores, que iniciaram o plantio em abril e maio.

Em Sergipe, as condições climáticas adversas estão causando perdas estimadas na safra de milho em todo o estado. A queda na precipitação e a irregularidade das chuvas são as explicações para o prejuízo causado nas lavouras de milho, diferentemente do que ocorreu em 2020, quando os rendimentos alcançaram ótimos resultados. A irregularidade das chuvas tem chamado a atenção dos produtores, uma vez que ocorrem condições bem diferentes nas microrregiões dentro dos próprios municípios. Em julho, as chuvas foram volumosas e bem distribuídas nas principais regiões produtoras de milho, fato que tem ajudado a minimizar os prejuízos causados pela falta de umidade do solo. Na região do Sertão, as

condições continuam ainda mais adversas para o bom desenvolvimento das culturas em virtude dos baixos volumes precipitados. Em algumas áreas os produtores já estão fazendo silagem para aproveitar os restos culturais em boas condições de umidade, tendo em vista que as chuvas são poucas. As áreas voltadas para o cultivo de milho estão atualmente na fase de floração e enchimento de grãos. A partir dessa fase os efeitos negativos da falta de água podem ser ainda prejudiciais para o rendimento das plantações, por isso a manutenção das condições chuvosas atuais é de vital importância para minimizar os grandes prejuízos que já estão sendo observados.

Em Roraima a safra 2020/21, permanece com a estimativa do plantio de 15 mil hectares, e produtividade de 6.000 kg/ha. O plantio foi finalizado em junho e a colheita deve ocorrer entre setembro e novembro. Toda a produção do milho é consumida no estado, sendo ainda insuficiente para atender às demandas locais, já que muitos varejistas compram milho de outros estados, como Rondônia e Mato Grosso, para venda em Boa Vista/RR. Além disso, temos observado que boa parte dos produtores planta para produção de ração do próprio gado e utilizam a venda antecipada como principal forma de negociação com os compradores, normalmente criadores que precisam produzir ração.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica e de temperatura													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PE	Agreste Pernambucano - PE	M/C	M/C	C					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
SE	Agreste Sergipano - SE	M/C	M/C	M/C	C				PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	M/C	M/C	C	C			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 6 – Colheita do Milho em Chapadão do Sul - MS

Fonte: Conab.

Foto 7 – Efeito da Geada do Milho em Aral Moreira - MS



Fonte: Conab.



Foto 8 – Espiga de milho após geada em Maracaju - MS

Fonte: Conab.

Foto 9 – Lavoura de milho após geada em Maracaju - MS



Fonte: Conab.

Foto 10 – Milho (2ª safra) em Guaíra - SP

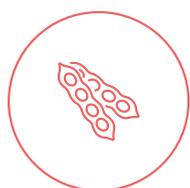


Fonte: Conab.

Foto 11 – Milho (2ª safra) em Itapeva - SP



Fonte: Conab.



SOJA

ÁREA

38.529 mil ha

4,3%

PRODUTIVIDADE

3.529 kg/ha

4,5%

PRODUÇÃO

135.978,3 mil t

8,9%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

A área plantada de soja, no período 2020/21, apresentou crescimento de 4,3% em comparação à safra anterior, atingindo 38,5 milhões de hectares. Apesar dos problemas com o clima, especialmente na colheita que afetou a qualidade de alguns lotes colhidos, a produtividade alcançada registrou incremento de 4,5% em relação ao exercício passado, e estes fatos de natureza climática não foram suficientes para afetar a consolidação das estatísticas, que apontam para uma produção recorde de 136 milhões de toneladas, representando incremento de 8,9% em comparação à safra passada.

CONJUNTURA DE SOJA

MERCADO INTERNACIONAL

Preços internacionais: os preços na Bolsa de valores de Chicago (CBOT) tiveram bastante volatilidade em julho de 2021, ainda sob influência do mercado climático e suas projeções climatológicas. E, mesmo com uma estimativa de redução na demanda, o preço médio (spot) de soja na Bolsa de Chicago (CBOT) em julho de 2021 foi calculado em UScents 1.444,20, com queda de 1,19% em relação a junho, que teve a média estimada em UScents 1.461,64/bu.

Tendência: os preços internacionais devem continuar sob forte influência

do mercado climático. Caso o clima seco e quente no meio-oeste americano prevaleça, os preços internacionais tendem a ficar mais elevados, principalmente porque, neste momento, a safra americana se encontra em estágio de floração e enchimento de grão. Todavia, caso ocorram chuvas no meio-oeste americano que melhore o percentual da condição da safra 2021/22, que, no momento, é considerado pior que o da safra 2020/21, os preços poderão seguir uma tendência de queda.

MERCADO NACIONAL

Prêmios de Portos: os prêmios de portos estão chegando próximos aos prêmios do mesmo período de 2020, após um longo período negociado negativamente, os prêmios de portos voltam a ficar atrativos.

Dólar: a cotação média do dólar em julho de 2021 teve uma alta de 2,40% se comparado com o valor da moeda em junho.

Preços internos: apesar da queda média dos preços internacionais, a alta dos prêmios de portos e do dólar foram responsáveis por elevar os preços nacionais médios em 2,3%.

Tendência: os preços internos deverão manter a volatilidade de agosto e, possivelmente, serão influenciados pelas cotações internacionais, já que a colheita de soja americana se aproxima.

OFERTA E DEMANDA

Com a colheita finalizada, a Conab estima que a produção de soja, para a safra 2020/21, seja de 135,97 milhões de toneladas. Esse aumento de produção é motivado por um aumento de área de aproximadamente 4,3% e produtividade de 4,5%. O aumento de área foi incentivado, principalmente, pela alta dos preços internacionais, aliada ao dólar elevado de 2020.

A demanda interna total (esmagamentos, sementes e perdas) é estimada em 50 milhões de toneladas, com uma avaliação do uso para esmagamento um pouco menor que a safra de 2020.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de soja para julho foram estimadas em aproximadamente 8,7 milhões de toneladas. Esse número é 13% menor que o exportado em julho de 2020, estimado em 9,95 milhões de toneladas.

Com isso, as exportações brasileiras de soja em 2021 somam aproximadamente 66,22 milhões de toneladas. Esse volume já é 2,51 milhões de toneladas inferior ao exportado de janeiro a julho de 2020. Por este motivo, e somado ao baixo percentual comercializado de soja brasileira, até o momento, as exportações anteriormente estimadas em 86,69 milhões de toneladas passam a ser de 83,42 milhões de toneladas, podendo ser ainda menor caso as exportações dos próximos cinco meses não apresentem um incremento.

Finalizando, os estoques de passagem de soja em grãos da safra 2020/21 são estimados em aproximadamente 7,63 milhões de toneladas.

ANÁLISE REGIONAL

REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio regional atingiu 5.876,6 mil hectares, 7,5% de incremento em relação à safra anterior. As dificuldades apresentadas pelo clima, não trouxeram comprometimento aos níveis de produtividade regional, e a produção atingiu 20.304 mil toneladas, representando incremento de 8,5% em relação ao exercício anterior.

Em Rondônia, a finalização da colheita da segunda safra, produzida no estado, foi encerrada em junho, já que plantas vivas de soja não podem existir nos campos a partir de 15 de junho, que coincide com o período de vazio sanitário da soja em Rondônia que ocorre de 15 de junho a 15 de setembro, com fiscalização realizada pela Agência de Defesa do Estado de Rondônia (Idaron). Dessa forma, os produtores dessecam as lavouras até esta data para colher logo em seguida. A qualidade do produto colhido foi considerada boa, principalmente a produção da segunda safra, que, apesar de ser menor, tem qualidade dos grãos muito superior à primeira safra, dadas as características climáticas.

Em Tocantins, o plantio da soja subirrigada foi concluído na primeira quinzena de junho, com expectativa de manutenção de área. As lavouras se encontram na sua maior parte no estágio de enchimento de grãos. Toda a área de soja subirrigada é destinada à produção de semente. Até o momento, não foram observados nas lavouras problemas fitossanitários que estejam fora dos níveis de controle.

No Maranhão, a colheita da principal oleaginosa produzida no estado se encontra finalizada em todas as regiões pesquisadas. Neste levantamento

a área plantada apresentou incremento de 3% em comparação à safra anterior, passando de 976,4 mil hectares para 1.005,7 mil, em virtude da influência dos veranicos ocorridos na região sul do estado, sem, contudo, afetar os níveis de produtividade. A produtividade ficou fixada em 3.267 kg/ha, que representa um incremento de 1,9% em relação à safra anterior.

REGIÃO CENTRO-OESTE

A região foi bastante afetada pela instabilidade do clima, particularmente no momento da colheita, sem, no entanto, comprometer o histórico desempenho regional. Houve incremento de 3,5% na área plantada, totalizando 17,2 milhões de hectares, com uma produção de 61.321,7 mil toneladas, representando aumento de 1% em relação ao exercício passado.

REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, o clima não interferiu no desempenho das lavouras, e a produção registrou forte impulso, atingindo 11.321,1 mil toneladas. Graças ao desempenho das lavouras de soja em São Paulo e em Minas Gerais a região apresentou, nesta temporada, recordes históricos de área, produtividade e produção.

REGIÃO SUL

Incremento observado na área plantada de 2,4% em relação ao exercício anterior, atingindo recorde regional de 12.375,3 mil hectares. Exceção feita ao ocorrido no Paraná, onde o clima afetou duramente as lavouras,

o desempenho nos demais estados foi espetacular. A região apresentará produção recorde, atingindo 43.031,5 mil toneladas, representando incremento de 21,9% sobre o exercício passado.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – SOJA

Legenda - Condição hídrica e de temperatura																			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2020/2021																	
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO						
RR	Norte de Roraima	M/C	C						PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M						
RO	Leste Rondoniense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C											
PA	Sudeste Paraense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C								
TO	Ocidental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C									
	Oriental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C									
MA	Sul Maranhense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
PI	Sudoeste Piauiense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
BA	Extremo Oeste Baiano		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C									
MT	Norte Mato-grossense	S/E	E/DV	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C											
	Nordeste Mato-grossense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C										
	Sudeste Mato-grossense	PS	S/E	DV	F	EG/M/C	M/C	C											
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C										
	Leste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C										
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C										
GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C										
	Sul Goiano		S/E	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C											
DF	Distrito Federal			S/E	DV/F	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C										
MG	Noroeste de Minas		S	S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C										
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C										
SP	Itapetininga		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C										
PR	Centro Ocidental Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C											
	Norte Central Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C										
	Norte Pioneiro Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C										
	Centro Oriental Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C									
	Oeste Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C											
	Sudoeste Paranaense	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C										
	Centro-Sul Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C									
Sudeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C										

Continua

Legenda – Condição hídrica e de temperatura

 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SC	Oeste Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Serrana	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 12 – Doença prejudica produção da soja no AC

Fonte: Conab.

Foto 13 – Folhas de Soja Atingidas com Fungos no AC



Fonte: Conab.



TRIGO

ÁREA

2.696,1 mil ha

15,1%

PRODUTIVIDADE

3.187 kg/ha

19,7%

PRODUÇÃO

8.591,3 mil t

37,8%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIA 146,9 mil t**PRODUÇÃO** 8.591,3 mil t**IMPORTAÇÕES** 6.000 mil t

14.738,2 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 12.344,3 mil t**EXPORTAÇÕES** 600 mil t

12.944,3 mil t

As oscilações climáticas marcaram o mês de julho em diversas regiões triticultoras do país. Frentes frias registradas trouxeram redução nas temperaturas e até precipitações em muitas localidades no Centro-Sul brasileiro. Nesse cenário, o ritmo das operações de semeadura teve alterações, mas não inviabilizou a implantação das lavouras, que agora está praticamente finalizada.

No entanto, as áreas que foram plantadas mais cedo e que já apresentavam plantas em fases mais avançadas de desenvolvimento sinalizam para perdas no potencial produtivo em decorrência das geadas. Ao longo do ciclo esses efeitos serão melhor avaliados e se terá uma dimensão mais precisa dos eventuais impactos. Atualmente, a estimativa é de aumento na produção, na produtividade média e na área plantada em comparação a 2020.

OFERTA E DEMANDA

Em julho de 2021, o mercado doméstico permaneceu atento às condições climáticas e à finalização dos trabalhos de semeadura no Sul do país. A

alta cambial, somada à ocorrência de geadas em diversas regiões do país, contribuíram para reverter a tendência baixista que vinha sendo observada até então. Em princípio, as geadas não chegaram a atingir e prejudicar as lavouras tritícolas. No entanto, atingiram as lavouras de milho, indicando um possível aumento da demanda de trigo como substituto para alimentação animal. No final do mês, nova ocorrência de geadas, com intensidade nunca antes visto no país, voltaram a preocupar produtores. As perdas ainda não foram contabilizadas, mas já é de conhecimento que o Paraná é o estado mais suscetível a perdas devido ao maior percentual de lavouras em estádios mais avançados de desenvolvimento (27% em floração e 1% em frutificação). Diante desse cenário, a cotação do Paraná apresentou valorização de 5,1% em sua média mensal e foi cotada a R\$ 82,92 a saca de 60 quilos.

No mercado internacional, apesar dos fatores altistas, como os problemas climáticos enfrentados pelos Estados Unidos (clima extremamente quente e seco) nas lavouras de primavera e da divulgação pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) de corte na produção norte-americana, houve desvalorização na média mensal por mais um mês, influenciada pelo ingresso da safra de inverno nos Estados Unidos, pela expectativa de aumento da safra russa, bem como da produção mundial. A média mensal de maio, da cotação FOB Golfo, foi de US\$ 262,64 a tonelada, apresentando desvalorização mensal de 4,7%.

Com a finalização da safra 2020/21, foram consolidados os números relativos à importação, que fechou em 6.007 mil toneladas e de exportações, após atingir o montante de 823,1 mil toneladas em julho. A Conab revisou os números no quadro de oferta e demanda referentes ao consumo interno, no que se refere à moagem das safras 2019/20 e 2020/21, mediante

compatibilização e revisão de informações de mercado e de estoque final do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e, com essas alterações, somadas à consolidação dos números mencionados, a estimativa é de encerrar a safra 2020/21 com estoque final de 146,9 mil toneladas.

Para a safra que se inicia em agosto de 2021, foram revisados os números relativos ao quadro de oferta e demanda, no que se refere à produção, que passou de 8.480,2 para 8.591,3 mil toneladas, bem como ao consumo interno, no que se refere ao uso para sementes, pois houve aumento na estimativa de área a ser plantada e também para moagem industrial, que apresenta aumento devido à previsão de incremento da produção e da estimativa de maior destinação para uso em alimentação animal. Com estimativa de aumento de 37,8% da safra 2021/22, devido ao incremento de área de 15,1%, bem como de produtividade na ordem de 19,7%, a previsão é de encerrarmos a safra com estoque de passagem mais confortável, com 1.793,9 mil toneladas, aproximando-se do volume observado em safras anteriores a 2019/20.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2.014	2.414,1	5.971,1	5.328,9	13.714,1	10.652,2	1.680,5	1.381,4
2.015	1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
2.016	1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
2.017	2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
2.018	2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
2.019	1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.060,6	342,3	627,4
2020*	627,4	6.234,6	6.007,0	12.869,0	11.899,0	823,1	146,9
2021**	146,9	8.591,3	6.000,0	14.738,2	12.344,3	600,0	1.793,9

Legenda: (*) Estimativa,
(**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estoque de Passagem - Milho: 31 de Julho.

ANÁLISE ESTADUAL

No Paraná, a implantação das lavouras está finalizada, apresentando aumento na área plantada quando comparada à safra anterior. Esse aumento se justifica devido aos bons preços pagos ao cereal nesse ano. Assim, o estado deve dispor da maior área semeada com a cultura em todo país, alcançando 1.192,8 mil hectares (aumento de 6,7% na área cultivada em comparação à temporada anterior).

As lavouras estão em pleno desenvolvimento, com parte delas já entrando em fases reprodutivas. Vale destacar o registro de frentes frias, que trouxeram redução drástica nas temperaturas, e a ocorrência de geadas em diversos pontos do estado. Nesse cenário, há uma preocupação maior com as plantas que estavam nesses estádios mais avançados, pois são mais susceptíveis aos danos irreversíveis em seus rendimentos. Essas eventuais perdas estão sendo avaliadas e serão melhor quantificadas nos próximos levantamentos.

No Rio Grande do Sul, a semeadura está finalizada, confirmando o incremento previsto na área plantada em comparação ao ano anterior. Foram 1.145,1 mil hectares cultivados nesta safra 2021, representando aumento de 23,1%. De maneira geral, os produtores conseguiram semear dentro do período recomendado pelo zoneamento. O estabelecimento das lavouras foi muito bom, com boa densidade de plantas, emergência uniforme, além de boa sanidade. Atualmente tem sido realizado o controle de plantas daninhas e a adubação nitrogenada em cobertura. Vale ressaltar que as lavouras semeadas mais cedo, localizadas no norte e noroeste do estado, já estão em floração, e causam maior preocupação em relação às baixas temperaturas e a ocorrência de geadas. Até o momento, não há

registro de perdas, mas as avaliações continuarão para apurar possíveis perdas.

Em Santa Catarina, o plantio está praticamente concluído, apresentando expressivo crescimento na área plantada em comparação à temporada anterior. Os preços atrativos pagos pelo produto e os incentivos do governo estadual ao cultivo do cereal foram fatores determinantes para tal incremento, que chegou a 62% de variação em relação à área semeada em 2020, atingindo assim 99 mil hectares plantados. As lavouras já implantadas se encontram em boas condições, estando 13% delas em fase de germinação, 86,7% em desenvolvimento vegetativo e 0,3% em florescimento. Os períodos de chuvas intercalados com estiagens favoreceram os tratos culturais, principalmente a adubação nitrogenada em cobertura e a aplicação de defensivos. Até o momento, pode-se afirmar que as condições climáticas e o pacote tecnológico empregado têm sido favoráveis, mas a incidência de geadas pode impactar o potencial produtivo da cultura, devendo ser melhor avaliado nos próximos meses.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são tradicionais triticultores e continuarão a destinar uma importante porção de área para o plantio do cereal.

Em Minas Gerais houve redução na área plantada em comparação ao ano passado devido ao menor direcionamento de áreas para as lavouras em manejo irrigado. Assim, o cultivo total deve alcançar 73,9 mil hectares, representando decréscimo de 14,2% em comparação ao valor direcionado na temporada passada. Nesse cenário, as perspectivas de produção apontam para um volume total na ordem de 176,3 mil toneladas, indicando diminuição em relação às 227 mil toneladas colhidas em 2020.

Em São Paulo, as lavouras vinham apresentando bom desenvolvimento até os dias que precederam as frentes frias registradas recentemente. Entretanto, a queda brusca de temperatura ocorrida, especialmente no fim de julho, provocou geadas que danificaram seriamente o trigo. As regiões mais próximas ao Paraná (mais ao sul) reportaram problemas mais amplos. Na medida em que se levantam informações sobre lavouras mais ao norte, os relatos são de problemas mais localizados (regiões de baixada). Lavouras em floração e formação de cacho foram as mais afetadas. Ainda não se há mensuração quantitativa das perdas, mas seguramente haverá redução no potencial produtivo da cultura, com a diminuição da capacidade fotossintética das plantas.

Em Goiás, a safra está mais avançada que a maior parte das regiões triticultoras do país. O estado apresentou cultivo tanto em sequeiro quanto irrigado, alcançando ao todo 55 mil hectares semeados (acréscimo bastante significativo em comparação aos 23,1 mil hectares plantados em 2020). Nas lavouras de sequeiro, por exemplo, a colheita já está em 60% do total. Os rendimentos não têm sido tão favoráveis, especialmente em razão das oscilações climáticas (escassez de chuvas, alternância significativa nas temperaturas e até ocorrência pontual de geadas no sudoeste goiano). O plantio mais tardio também pode ser apontado como dificultador para o melhor desenvolvimento da cultura e o alcance do potencial produtivo da cultura. Para as lavouras irrigadas, as produtividades devem ser melhores, porém a maioria das plantas ainda está em fase de enchimento de grãos e maturação. No geral, a previsão estadual é de produção na ordem de 129,3 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul, as condições climáticas se mostravam excelentes para as lavouras de trigo, porém em alguns municípios, como o de Ponta

Porã e Laguna Caarapã, que tinham plantas em estádios mais adiantados de desenvolvimento, houve perda significativa em decorrência das geadas registradas recentemente. Já nos demais municípios produtores também devem ocorrer perdas de potencial produtivo, porém mais relacionadas ao déficit hídrico sobre as lavouras, especialmente àquelas de semeadura mais tardia, em comparação ao período tradicional de plantio.

A manutenção de temperaturas amenas e sol durante o dia têm influenciado positivamente no desenvolvimento dos perfilhos das lavouras mais tardias. Os produtores estão realizando o controle preventivo de plantas invasoras, pragas e doenças nessas áreas.

No quesito pragas e doenças, nas primeiras semanas foram relatados alguns ataques provocados pelo pulgão das folhas (*Metopolophium dirhodum*), porém os controles corretivos têm sido realizados com êxito na cultura, assim, não proporcionando maiores danos no cultivo.

A cultura se encontra em muitas situações distintas, apresentando 30% em fase de perfilhamento/alongamento, 41% em emborrachamento e espigamento, 28% em enchimento de grãos e 1% apenas iniciou a maturação.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – TRIGO

Legenda - Condição hídrica e de temperatura			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões-	Trigo - Safra 2021											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				S	E/DV	F	EG	EG/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Norte Central Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
PR	Centro Oriental Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Oeste Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SC	Norte Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Serrana					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Nordeste Rio-grandense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

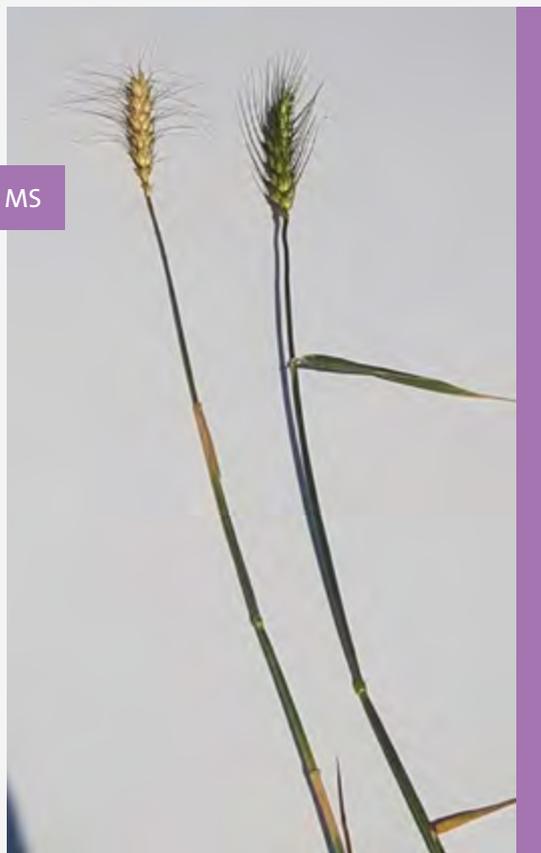
Fonte: Conab.



Foto 14 – Trigo em Laguna Caarapã - MS

Fonte: Conab.

Foto 15– Trigo Geado em Laguna Caarapã - MS



Fonte: Conab.



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

A safra total do amendoim, no clico atual, tem uma previsão de um aumento de 3,2% na área em relação com o ano anterior, e uma produção de 597,5 mil toneladas, 7,2% maior que a safra passada.

Na Paraíba, as áreas que em anos anteriores ficaram em torno de 600 hectares, na atual, apresenta o total de 724 hectares, com produtividade média de 742 kg/ha.

Em São Paulo, a safra da seca tem menor produção em comparação com a das águas por não serem ideais às condições de calor e umidade requeridas pela cultura. O período mais adequado ao cultivo da seca vai do final de fevereiro, após a colheita do amendoim das águas, até próximo ao final de março. Não é recomendado o plantio fora deste período, pois, devido aos riscos, dificilmente dará resultados satisfatórios no estado.

Em São Paulo, a segunda safra é responsável por aproximadamente 5% da produção total de amendoim, cultivado, predominantemente, na alta paulista (Tupã e Herculândia), combinada com o processo de reforma de pastagens. A previsão é de queda de 29,8% na área plantada e de 9,1% na produtividade em razão de poucas chuvas no decorrer do seu desenvolvimento.

QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – AMENDOIM PRIMEIRA E SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica e de temperatura			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra - Safra 2020/2021						
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Araraquara	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Assis	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Bauru	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Marília	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Presidente Prudente	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Ribeirão Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	São José do Rio Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
BA	Nordeste Baiano	C								S/E/DV	DV/F	EG	EG/M
	Metropolitana de Salvador	C								S/E/DV	DV/F	EG	EG/M
SP	São José do Rio Preto								S/E/DV	F/EG	M/C		
	Ribeirão Preto								S/E/DV	F/EG	M/C		
	Presidente Prudente								S/E/DV	F/EG	M/C		
	Marília								S/E/DV	F/EG	M/C		
	Assis								S/E/DV	F/EG	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

GERGELIM

Para esta safra, a previsão total de gergelim é de uma área plantada de 143,5 mil hectares, e produção estimada em 73 mil toneladas.

Em Mato Grosso, a cultura do gergelim tem registrado temporada repleta de adversidades em 2020/21. As dificuldades já existentes de manejo e de sementes, que atrapalharam o rendimento médio na safra passada, não apenas persistiram, como também a elas se somou a questão climática,

na medida em que o atraso do ciclo da soja fez com que parcela relevante da área de gergelim tivesse que ser semeada fora da janela ideal, sofrendo, conseqüentemente, com severa falta de chuvas.

Enquanto lavouras plantadas dentro do prazo lograram bom desempenho, as áreas plantadas em momento tardio sofreram a ponto de reduzirem a produtividade média estadual. Com 80,2% do gergelim já colhido, até o encerramento de julho, calcula-se rendimento médio de 509 kg/ha, 7% inferior ao registrado no ciclo passado.

GIRASSOL

A estimativa para a safra 2020/21 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 31,7 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem à uma retração de 32,7%. Quanto à produção, também se espera redução em comparação à temporada passada (42,2 mil toneladas estimada para 2020/21, ante as 74,9 mil toneladas obtidas no exercício anterior), muito em razão da diminuição de destinação de área e influenciada pela previsão de decréscimo no rendimento médio.

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, a colheita do girassol se encaminha para seu desfecho e estima-se que, até o encerramento de julho, 95% da área seja colhida, restando para agosto 5% do espaço restante.

A produtividade média é calculada em 1.550 kg/há, e a qualidade do grão é considerada excelente. A produção a ser obtida é calculada em 13,2 mil

toneladas, o que representa um decréscimo de 65,3% em face da safra anterior, devido à diminuição do espaço alocado ao girassol, cuja área recuou 66,3%, de 25,2 mil para 8,5 mil hectares no atual ciclo, em quadro de forte concorrência com o milho segunda safra.

O preço pago ao produtor, nesse momento, é de R\$ 120 a saca de 60 quilos para o produto convencional, e a produção se encontra praticamente toda comercializada, de forma antecipada.

Nos últimos anos, a cultura vem perdendo espaço e cada vez mais se restringindo a poucos municípios na região oeste do estado.

Em Goiás, a colheita será encerrada ainda em julho.

Na reta final de colheita foram registrados em algumas áreas rendimentos superiores ao esperado: 40 sacas (2.400 kg/ha), porém a média do estado deve ficar próxima a 1.200 kg/ha.

A maior parte do girassol plantado em Goiás é decorrente de contratos firmados com uma indústria processadora de óleo de girassol no estado.

Alguns produtores que estão em regiões sem tradição para o milho safrinha devido ao índice pluviométrico baixo estão apostando na cultura, já alcançando bons resultados nesta safra (caso do município de Caiapônia), com expectativa de aumento de área para a próxima safra, inclusive em municípios vizinhos.

Foram cultivados 20 mil hectares, o plantio é com a venda garantida por meio de contrato. O custeio geralmente é feito por vendas de insumos (50%) e recursos próprios (50%). O custeio nesta safra foi de aproximadamente de R\$ 1.700 por hectare.

As variedades mais cultivadas em Goiás se resumem basicamente em duas cultivares, híbrido Sany 66 (40%) e híbrido Altis 99 (60%), todas convencionais, ou seja, não transgênicas, e variedades de ciclo precoce, cerca de 50-58 dias para florescimento e 110-125 dias para ponto de colheita. Estas sementes vêm da Bolívia e/ou Argentina.

Em Minas Gerais, as áreas de girassol têm grande variação percentual, entretanto, isso se deve ao aumento das áreas verificadas e que não estavam produzindo.

Expansão de 900 mil hectares na última safra e, na atua, mil hectares.

A produtividade sente o deficit hídrico, com 1.519 kg/ha. Há informação que as lavouras não estão como se esperava, a produtividade já aponta declínio devido aos problemas climáticos, algumas áreas secaram.

No Distrito Federal, a cultura se encontra em fase de maturação e início de colheita, com área registrada neste levantamento de 700 hectares, e a expectativa de produtividade média é de 2.260 kg/ha, configurando, portanto, uma produção de 1,6 mil toneladas.

Neste levantamento foram observados cultivos em áreas irrigadas com dois pivôs central, fator atípico para a região.

A produção local é destinada, em sua maioria, ao comércio varejista, onde é vendida principalmente para criadores de aves ornamentais.

MAMONA

A safra está em andamento, com as operações de colheita já se intensificando em alguns estados produtores. De modo geral, houve

incremento na área plantada em comparação ao ciclo passado, porém as oscilações climáticas, especialmente com relação às chuvas, reduziu a produtividade das lavouras plantadas. Assim, a previsão é de decréscimo da produção em relação a 2019/20, que atualmente está estimada em 28,1 mil toneladas, perante as 43,3 mil toneladas colhidas na safra anterior.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se incremento de área para o Nordeste em 3,7%, e retração na produção de cerca de 36,5%.

Na Bahia, com o avanço da colheita foi possível verificar os prejuízos causados pela estiagem do início do ano. As lavouras estavam com bom aspecto de desenvolvimento por conta do aporte hídrico ocorrido em 2020 e, por isso havia a expectativa de boa produção este ano, porém, ao longo do primeiro semestre, a estiagem restringiu a formação e enchimento dos grãos.

De fato, os informantes indicam que as primeiras lavouras colhidas alcançaram rendimento e um volume melhor, porém, ao passo que avançou a colheita na região, ficou evidente a quebra da safra. No momento da formação e desenvolvimento dos grãos, as condições climáticas desfavoráveis prejudicaram as fases finais dos cultivos mais tardios.

Atualmente acredita-se que as perdas estão em mais de 35% em relação ao ano anterior, por outro lado, a cada semana o rendimento das lavouras diminui, sendo possível que a colheita termine antes do previsto, e as perdas sejam maiores.

Em Mato Grosso, a colheita da cultura foi finalizada no estado,

com encerramento em julho, e produtividade média de 900 kg/ha, apresentando uma queda de 1,3% em relação à safra passada.

Em relação à comercialização, toda a produção já foi negociada, visto que todo o cultivo ocorre sob contrato. Dessa forma, o Mato Grosso colheu uma produção de 1,8 mil toneladas, em uma área de 2 mil hectares, sendo a opção pela mamona segunda safra bastante restrita e pontual no estado.

SORGO

Para a safra total 2020/21, a estimativa é de 2,3 milhões de toneladas produzidas, 7,1% menor que a safra anterior, em uma área de 864,5 mil hectares, 3,5% maior que a safra anterior.

No Pará, o sorgo se encontra em desenvolvimento. Nesse período é cultivado para proteger o solo para as próximas safras de soja e milho, no entanto, boa parte do cultivo é destinado à alimentação do plantel bovino nas diversas regiões do estado. A previsão é de aumento de 1,6% na área plantada.

Em Tocantins, o clima quente e seco vem contribuindo para o avanço da colheita, estima-se que 85% das áreas semeadas estejam colhidas. A produtividade nas lavouras vai de 33 scs/ha a 50 scs/ha, essa larga diferença está atrelada ao grau de investimento realizado pelo produtor.

A preocupação dos produtores neste período são os focos de queimadas, houve registros na região de Campos Lindos de queima de 40% da palhada em uma propriedade e a queima de 20 hectares de sorgo que seria colhido.

O produto é destinado para o mercado de ração animal e vem sendo comercializado no mercado interno, para Minas Gerais, Goiás e para a Região Nordeste do país.

Em Tocantins, previsão é de aumento da área semeada e da produção em relação à safra passada (2019/20) de 48%. A cultura do sorgo figurou-se como boa opção de cultivo devido ao atraso na colheita da soja de sequeiro, visto que o cereal possui uma maior tolerância ao déficit hídrico.

No Maranhão, no leste do estado, tem-se observado uma tendência de cultivos extensivos de segunda safra do sorgo, imediatamente após a colheita de soja, em virtude desse cereal apresentar uma maior tolerância às condições de estresse hídrico que normalmente ocorrem nesse período.

Além de boa cobertura do solo e alta durabilidade da palhada, a cultura normalmente tem um preço atrativo de venda, com mercado para outros estados e atuando na redução da população de nematoides que permanecem no solo após a colheita.

A cultura cultivada na região sul do estado, em substituição aos cultivos de soja, teve a semeadura realizada entre o final de fevereiro e março de 2021. A colheita iniciou de maneira relativamente tímida em algumas unidades produtivas, mas deve se intensificar em agosto de 2021.

Na presente safra, a área total tende a apresentar 9,8 mil hectares, com redução de 7,5% em relação à área da safra anterior devido ao menor interesse de cultivo da cultura. A produtividade média esperada é de 2.247 kg/ha, e a produção de 22 mil toneladas.

No Piauí, a lavoura de sorgo é plantada como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio no estado ocorreu no final de março. A área

plantada na safra 2020/21 foi de 11,6 mil hectares, 59,3% menor que a área da safra anterior, com os produtores optando por plantar maiores áreas de milho segunda safra. A cultura está em fase inicial de colheita, com a maior parte das áreas em fase de maturação. A produtividade esperada é de 1.772 kg/ha.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo, com dupla aptidão, vem se tornado uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). Como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma estabilidade de uma área de 600 hectares em relação à safra passada. Em compensação, a produtividade estimada do grão é 17,4% menor que à da safra passada.

Na Paraíba houve problemas em abril devido ao excesso de precipitação, causando o apodrecimento das lavouras no campo, contrastando com um período de muita seca nos meses subsequentes.

Na Bahia, no extremo-oeste, as lavouras de sorgo são cultivadas majoritariamente em sequeiro (havendo algumas poucas áreas irrigadas), conduzidas por grandes e médios produtores, tendo a sua produtividade limitada devido à escassez de chuvas. Os plantios foram realizados em março, em sucessão à lavoura de soja, desta forma, reduzindo o custo de preparo de solo e de fertilizantes. A colheita já foi iniciada e deve se estender até meados de agosto, tendo a produtividade limitada pela falta de chuvas em maio e junho.

A produção de sorgo abastece o setor pecuário e de granjas, eventual substituto do milho, acompanhando também a alta das cotações.

Na região centro-norte, as áreas que alcançaram produção estão sendo colhidas e comercializadas nas próprias localidades, visto que a procura pelo produto tornou-se mais acentuada com o avanço da estiagem e o preço do milho. Contudo, na maior parte das áreas a baixa produção levou os agricultores a destinar as lavouras para silagem. Além disso, os últimos campos em produção foram os mais afetados pela seca, o que indica a mesma utilização.

No centro-sul, o sorgo está sendo uma alternativa ao milho, muito utilizado nos municípios atingidos pela seca. No entanto, a frustração da safra foi maior que o esperado, logo, a destinação das lavouras para silagem tornou-se uma prática muito comum. A intenção dos agricultores é investir mais na cultura no próximo ano-safra e aumentar as áreas de plantio.

Em Mato Grosso, estima-se que cerca de 80% da área destinada ao sorgo tenha sido colhida até ao final de julho, onde o restante das áreas deverá ser colhido até a primeira quinzena de agosto.

A produtividade deverá ser superior à marca de 3.000 kg/ha, uma vez que houve maiores investimentos em sementes e adubação para esta safra. O rendimento da cultura somente não foi maior devido a intempéries climáticas, que afetaram as culturas de segunda safra, de modo geral, no estado. Calcula-se que a negociação atinja cerca de 20% da produção esperada.

Um ponto que merece destaque é a retomada de área de sorgo nos últimos dois anos, ainda que de forma parcial e lenta. Com 48,8 mil hectares semeados, houve registrado de aumento na ordem de 4,7% no último ano. Há dois anos, o espaço alocado ao sorgo se restringia há

apenas 32,5 mil hectares. A elevação do preço do milho, em conjuntura de demanda firme e restrição de oferta da commodity, tem exercido influência sobre o seu substituto próximo, o sorgo, que também pode ser utilizado como insumo para alimentação animal, a um custo mais barato. A previsão também é de um aumento de 6% na produção.

Em Mato Grosso do Sul, observa-se que, assim como os demais cultivos que estavam em produção, o sorgo também foi afetado pelos eventos climáticos de seca e geada, mas, devido a sua rusticidade, as perdas não foram tão severas quando comparado às outras culturas.

A produtividade média tende a ter uma diminuição de 30,6% em relação ao ano anterior, mas não foi constatada a perda total de produção em nenhuma região do estado.

Estima-se que 80% dos cultivos estão em maturação, e devem ser colhidos até o final de agosto. Quinze por cento das lavouras foram fortemente afetadas pela seca e geada e deverá apresentar produtividade bem reduzida, com previsão de colheita para setembro.

Grande parte do comércio é feito diretamente ao consumidor final, principalmente para granjeiros de São Paulo, onde o produto colhido é transportado diretamente da lavoura para os compradores, sem a presença do negociador intermediário e sem os custos de processamento e armazenagem do grão.

Em Goiás, a colheita está em torno de 15%. Devido à demora da perda de umidade na cultura do milho e na tentativa de diminuir custos de secagem, o produtor iniciou a colheita do sorgo que perdeu a umidade mais rápido.

As geadas interromperam o desenvolvimento daquelas lavouras que ainda se encontravam em final de enchimento de grãos e, somadas à restrição hídrica, observada durante a fase reprodutiva, foram responsáveis, de modo geral, pela queda na qualidade dos grãos colhidos, com a ocorrência de problemas no enchimento de grãos em muitos municípios (grãos pequenos, chochos e com baixo peso).

O pulgão da cana-de-açúcar, pela segunda safra consecutiva, foi um problema para a produção de sorgo em alguns municípios, principalmente aqueles que possuem áreas mais extensas com o cultivo da cana, porém, de modo geral, os relatos são de melhor controle do inseto nas lavouras de sorgo neste ano, comparando-se com o ano anterior.

Muitas cooperativas e produtores já reforçaram seus estoques do produto para fabricação de rações: confinamento bovino, aves e suínos.

No Distrito Federal, observou-se uma pequena redução de 1% na área cultivada com sorgo, fechando em 9,8 mil hectares. As lavouras se encontram em fase final de maturação e início de colheita. A produtividade média por sua vez está estimada em 4.240 kg/ha, 14,9% inferior aos obtidos na safra anterior.

Em Minas Gerais, as áreas de sorgo confirmam leve redução desde a última estimativa, em 2,4%. A área de 200,7 mil hectares, no último levantamento, reduziu para 195,9 mil hectares, com produtividade esperada de 2.878 kg/ha, 26,2% menor que o fechamento de safra anterior. Apesar de ser uma cultura com maior resistência ao clima adverso de seca, as produtividades já demonstram redução em razão da seca.

Em São Paulo, o sorgo granífero é considerado um bom substituto ao

milho segunda safra, visando a produção de matéria-prima para a fabricação de ração animal. Com isso, cresce sua importância do ponto de vista econômico, principalmente, quando ocorre escassez do milho no mercado, que afeta os custos da alimentação animal e eleva a demanda pelo sorgo na fabricação de ração. A eficiência do sorgo é dependente da oferta de milho, uma vez que o preço de venda do sorgo é atrelado ao preço do milho, normalmente equivalente a 80%.

A exemplo do milho, o sorgo foi bastante afetado pelas secas e geadas (ocorridas no final de junho, as mais recentes ocorridas em julho).

A área está estável em relação à safra anterior, e houve uma redução na produtividade de 27,31% devido à baixa umidade do solo (poucas chuvas), bem como o impacto das geadas.

QUADRO 11 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – SORGO

Legenda - Condição hídrica e de temperatura											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Sorgo - Safra 2020/2021									
		DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
TO	Oriental do Tocantins			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano			PS	S/E/DV	DV/F	F	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Vale São-Franciscano da Bahia	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
DF	Distrito Federal			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
SP	Ribeirão Preto			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 16 – Lavoura de Sorgo em Chapadão do Sul-MS

Fonte: Conab.



Foto 17 – Sorgo em Avaré - SP

Fonte: Conab.



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras têm demonstrado desenvolvimento razoável ao longo do ciclo. Mesmo tendo maior rusticidade em comparação a outros cereais de inverno, o cultivo nesta safra deve ser menor que em 2020 em razão das intempéries climáticas (escassez de chuvas e geadas) registradas ao longo do ciclo. No geral, são esperadas cerca de 65,6 mil toneladas em uma área plantada de 42,7 mil hectares. Atualmente 27% das lavouras ainda se encontra em desenvolvimento vegetativo, 37,5% em floração, 34,5% em enchimento de grãos e 1% iniciou a maturação, o que deixa um alerta com relação às possíveis ocorrências de novas geadas.

No Paraná, a semeadura está concluída nos 73,1 mil hectares destinados ao plantio de aveia nesta temporada. A cultura acabou perdendo espaço nesta safra, principalmente, para o trigo, por ter menor rentabilidade. De maneira geral, as lavouras estão em fase reprodutiva e devem apresentar algum dano em decorrência das geadas, mas que serão melhores avaliadas nas próximas semanas.

No Rio Grande do Sul, a aveia já se encontra totalmente semeada, tendo 89% das lavouras em estágio de desenvolvimento vegetativo, 9% em florescimento e 2% em enchimento de grãos. As condições climáticas de julho foram divergentes para a cultura. Enquanto as lavouras mais avançadas tiveram alguns danos pelas geadas ocorridas no início do mês,

as lavouras mais tardias escaparam das geadas. Porém, essas lavouras mais tardias, especialmente mais a oeste do estado, têm sido afetadas pela falta de umidade do solo, que já compromete o potencial produtivo.

Os efeitos da estiagem são mais sentidos na região das Missões, enquanto que no Planalto Médio, Planalto Superior e Centro as condições são ótimas. O potencial produtivo geral no estado, apesar das condições relatadas, ainda é alto e supera a estimativa inicial de produtividade.

QUADRO 12 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – AVEIA

Legenda - Condição hídrica e de temperatura			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Aveia - Safra 2021											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul					S/E/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C			
PI	Centro Ocidental Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
BA	Norte Central Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
PR	Centro Oriental Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 18 – Aveia em Amambá - MS

Fonte: Conab.

CANOLA

No Paraná, o plantio da canola está finalizado. Em relação à safra anterior, houve um aumento na área plantada. Porém, ainda assim, a área cultivada no Paraná é pequena (cerca de 800 hectares) devido à falta de interesse do produtor pela cultura e à sensibilidade da canola à geada e ao déficit hídrico.

As lavouras estão se desenvolvendo bem, porém aquelas em estádios mais avançados apresentam maior susceptibilidade a perdas por geadas.

No Rio Grande do Sul, os 38,3 mil hectares previstos para o plantio da cultura já estão efetivamente semeados. O momento é considerado crítico dentro do ciclo, pois as intempéries climáticas podem causar danos significativos ao potencial produtivo das lavouras. Cerca de 69% delas estão em fase vegetativa, 25% em floração, 5% em enchimento de grãos e 1% em maturação. As geadas ocorridas no final de julho, como não foram de abrangência geral, não comprometeram significativa as lavouras, já que as mais adiantadas se localizam na região do Alto e Médio Uruguai, em microclima que reduz a incidência de geadas. No entanto, mais lavouras têm entrado em floração em regiões propícias para ocorrência das geadas e pode causar danos significativos.

Apesar da possibilidade de perdas pela geada, a produtividade estimada ainda é superior à temporada passada, já que o potencial produtivo das lavouras é bem superior e essa estimativa já leva em contas possíveis perdas.

CENTEIO

No Paraná, o plantio está encerrado, e o cereal apresentou redução na área plantada (ficando em 2,8 mil hectares), haja vista que os produtores optaram pelo trigo, que é uma cultura mais rentável.

A maioria das lavouras se encontra em boas condições, mas as áreas que estavam na fase reprodutiva foram prejudicadas pelas geadas, por essa razão já se começa a estimar redução de produtividade.

CEVADA

No Paraná, a semeadura está finalizada, apresentando aumento de área em relação ao ciclo passado. Devido ao aumento no preço do milho, outros cereais que compõem a alimentação animal também se valorizaram, como é o caso do trigo e cevada, provocando o aumento da área. Ademais, algumas cooperativas apresentaram incentivos ao cultivo do cereal, pois planejam construir uma maltaria na região de Ponta Grossa, o que deverá potencializar a produção, não só na região onde ela será instalada, mas também em outras localidades vizinhas.

Atualmente, as lavouras se encontram em boas condições. Devido ao estágio vegetativo em que estão, as últimas geadas não provocaram danos significativos à cultura.

No Rio Grande do Sul, a semeadura está concluída nos 35,2 mil hectares previstos para esta safra. Cerca de 97% das lavouras implantadas estão em estágio vegetativo e 3% em floração. As áreas mais adiantadas se encontram na região do Alto Uruguai, e passam a correr risco de perdas

em decorrência de eventuais geadas. As condições, até o momento, são consideradas favoráveis ao desenvolvimento, com baixas temperaturas e fotoperíodo adequado, mantendo o potencial produtivo satisfatório. Os produtores estavam no aguardo da ocorrência de chuvas para a realização da adubação de cobertura, o que aconteceu na última semana de julho.



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL